

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“ NA PERIFERIA DO SONHO ”
crônicas de uma experiência de formação de professoras

Maria Valéria Padilha Fernandes
Orientadora: Profª. Drª Roseli Aparecida Cação Fontana

Este exemplar corresponde à
redação final defendida por
Maria Valéria Padilha
Fernandes e aprovada pela
Comissão Julgadora.
14/12/2000.

Orientadora:

Roseli Fontana

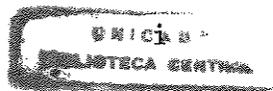
Comissão Julgadora

Roseli Fontana

Roseli Fontana

UNICAMP, dezembro de 2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE



200122635

UNIDADE 80
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
F391n
V. Ex.
TOMBO BC/46673
PROC. 76-392/01
C D
PREC. R\$ 11,00
DATA 20/10/04
N.º CPF

CM00160254-1

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

F391n

Fernandes, Maria Valéria Padilha.

Na periferia do sonho : crônicas de uma experiência de formação de professoras / Maria Valéria Padilha Fernandes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Roseli Aparecida Cação Fontana.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Professores - Formação. 2. Análise de interação em educação. 3. Subjetividade. I. Fontana, Roseli Aparecida Cação. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Dedicatóriam

*Para minha mãe.
Para minha mãe.*

Falecida subitamente no dia vinte de agosto de 2000, sessenta e nove anos após o seu nascimento e a anos-luz da minha expectativa de sua morte.

Baita susto.

Imensurável dor.

Eterna gratidão.

Intensa saudade.

Grande dívida: o que fazer com este inacreditável amor que continuo sentindo por ela?

Agradecimentos

Parte difícil. Complicada. Gente nova, palavras velhas. Palavras velhas re-significadas por novas pessoas. Velhas pessoas re-significadas por palavras novas.

Não sei se vai dar pra ser original sem ser injusta. Vou exercitar, então, os encontros explicitados no parágrafo anterior. Além do que, “muito obrigada” deve ser uma das expressões mais antigas do nosso vocabulário. Quem sou eu pra tentar diferente num momento tão delicado...

Pelo mecenato, pelo orgulho mal disfarçado e por todos os amorosos cuidados: meu pai, senhor Walter Fernandes

Pela paciência, incondicional e inconfessa e pelo amor, incondicional e confesso: minhas filhas – grandes meninas-mulheres – Juliana e Isabella.

Pela orientação mais pacienciosa e confiante que já vi e pela disponibilidade carinhosa e atenciosa: Roseli.

Pelo gesto atencioso e compreensivo e pelo incentivo, manifestado através da minha liberação para fazer este trabalho e este mestrado: Carlota, Walkíria e Mônica.

Pelo incentivo, apoio e amizade: Cecília Collares, Cida Moysés.

Pelo incentivo, apoio, amizade e entusiasmo: Corinta.

Pelas interlocuções e palavras certas nos momentos certos: o pessoal do GEPEC.

Pela amizade, pelo modelo de maturidade acadêmica, pelo carinhoso companheirismo:
Maria Emília.

Pela incondicional amizade, pela deliciosa e mineira brejeirice, pelas centenas de telefonemas acolhedores e consoladores, pelo carinho: Flávia.

Pelo muito que me ensinaram e contaram, pelo companheirismo e pela paciência com esta pesquisadora estreante: Beth, Cláudia, Elcy, Elena, Luciana, Mara, Maria Alice, Maria do Carmo Bento, Maria do Carmo Schmidt, Maria Ferreira, Maria José, Mariza, Sid, Sílvia, Sônia Dalóia, Sônia Rezende e Terezinha.

Pelo amor de Deus. Tomara eu não tenha esquecido ninguém.

SUMÁRIO

Algumas palavras I	1
Algumas palavras II	3
I. Personagens em movimento	7
Passos no caminho	9
Ecos no caminho	26
II. Tensionando o olhar	34
De cenários	36
...e relações	42
III. Form(ação) de professoras?	51
IV. “Como é? Já mudou o método?”	61
V. Vai-da-valsas e vendavais ou “ carregando para o novo tempo o tempo que passou” (COLLARES et alii, 1.999, p. 213) ou ainda qualquer coisa que signifique que agora estarei falando de coisas que fui percebendo durante a construção deste trabalho e que poderiam ser edificantemente nomeadas de saberes	74
Bibliografia	80
do Índice	86

RESUMO

Esta dissertação é o resultado de um trabalho que foi desenvolvido desde fevereiro de 1998 junto a um grupo de dezesseis professoras do curso de Suplência – alfabetização de jovens e adultos – da Rede Municipal de Educação de Jaboticabal, SP, de maneira institucional e sistematizada.

Sua intenção inicial dizia respeito à organização de um projeto de formação continuada a partir da solicitação das professoras envolvidas, baseando-se no que elas, através da análise de suas práticas, consideravam que fosse necessário para essa formação.

No movimento dos encontros, questões relativas às trajetórias pessoais, que conduziram essas mulheres à condição de professoras de jovens e adultos, emergiram e passaram a se consideradas pelo próprio grupo como anteriores e fundamentais à elaboração do que entendiam que pudesse ser um trabalho de formação em serviço. Suas histórias, memórias e desejos relativos à escolha e permanência na profissão docente, tramados em seus passados, atravessando seus presentes e vislumbrando seus futuros, tornaram-se a tônica dos encontros.

Este novo movimento suscitou um outro, que tendeu para a superação do anonimato e da impessoalidade que marcam tanto os processos de formação. Surgiu, então, uma nova diretriz do projeto de formação, mediando a leitura das práticas vividas em sala de aula e as indagações surgidas das vivências compartilhadas com os alunos, também re-significados como singularidades.

Os relatos produzidos nos encontros e, neste trabalho, revividos como crônicas, procuraram sustentar o resgate da história local e a explicitação da especificidade da Suplência dentro dela, bem com a possibilidade de reconstrução de algumas das diferentes lógicas em jogo na negociação e destinos da Suplência e das próprias professoras envolvidas.

Dos múltiplos lugares que ocupei, o de pesquisadora foi marcado pela interlocução com alguns autores, mas, principalmente com Morin e Bakhtin. Esta opção teórica delineou-se no *durante* do processo, quando este deu a ver a complexidade dos acontecimentos que o marcavam e nas palavras que traziam-lhe as marcas dos mesmos, surgidas e fazendo surgir nas narrativas produzidas pelos/nos encontros, outras palavras, que podem constituir outros sujeitos, outras histórias, outros tempos, outras relações, outras narrativas.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a work which was developed since February, 1998 along with a group of sixteen teachers of the Suplência course – making literate youth and adults – from the Municipal Net of Education in Jaboticabal, SP in an institutional and systematic way.

Its initial aim has concerned to the organization of a continual formation project from the requests of the involved teachers, based on what they, through their practices analyses, have considered that was necessary for this formation.

In the meetings movement, questions concerning to the personal trajectories, which have conducted this women to the youth and adults teacher condition, have emerged and begun considered by the own group as former and primordial to the working up of what they understood that could be an in service formation work. Their histories, memories and desires related to choose and permanency in the teaching profession, framed in their past, crossing their present and glimmering their future, have become the tonic of the meetings.

This new movement has caused one another, which has conducted to the anonymity and impersonality overcome that is so remarkable in the formation processes. So, it has arisen a new formation project directress, mediating the readings of the classroom lived practices and the quests arisen from the life experiences shared with the pupils, also remeaned with particularities.

The reports produced in the meetings, and, in this work, renewed as narratives, look to support the rescue of the local history and to explicit the specificity of the Suplência inside it, as well the reconstruction possibility of some different logics that are at stake in the deal and destiny of the Suplência and the involved teachers.

From the multiple positions that I have held, the one of researcher was marked by the interlocution with some authors, but mainly with Morin and Bakhtin. This theoretical option was designed in the course of the process, when that gave to see the complexity of the events which marked them and in the words that gave brought theirs marks, arisen and making arise in the narratives produced by/in the meetings, another words, that can constitute another subjects, another histories, another times, another relationships, another narratives.

Algumas palavras I

Novembro de 00

Estou em Jaboticabal há oito anos, como professora da Rede Municipal de Educação esse mesmo tanto de tempo. Fui afastada da sala de aula em 1997 para ocupar, inicialmente, a coordenação de uma das unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental, e, posteriormente, a coordenação pedagógica do curso de educação de jovens e adultos, nomeada por nós, da Rede, como Suplência.

São dez núcleos compostos por dezesseis classes, divididas em termos I e II, que correspondem, respectivamente, às 1^o e 2^a e 3^a e 4^a séries do ensino fundamental. Minha função como coordenadora desse grupo prescrevia, inicialmente, a orientação do trabalho desse grupo de professoras da Suplência, em vários de seus aspectos: pedagógicos, burocráticos, coordenação dos HTPCs semanais etc.

Durante esses encontros, sistemáticos e semanais, foi que eu comecei a me inquietar com algumas questões relativas à formação de professoras, inquietações que provocaram em mim a necessidade de documentar/registrar esses encontros, o que foi resultando na produção de pequenas crônicas que me permitiram uma apropriação do contexto do tempo em que isso acontecia: no contar essas conversas sobre o cotidiano do trabalho, no traçar crônicas da história de Jaboticabal, lugar das vidas dessas pessoas, professoras e alunos da Suplência.

O eixo norteador deste trabalho acabou sendo uma questão que, logo da minha atribuição do cargo de coordenadora desse grupo, me é provocada pela secretária municipal da educação, através de uma pergunta: “ Como é? Já mudou o método da Suplência?”

Como é que, então, esta questão entra no meu trabalho? Acreditei que deveria pensar esta questão do método, mas muito mais pelo o que os discursos prescritivos que o incorporam do que pela questão em si. Mesmo porque a questão do método, para mim, não é uma questão que está desligada da vida, da história, da trajetória das pessoas, da sua formação e do seu momento.

Neste trabalho eu tento traçar a confluência dessas histórias, a emergência de indagações que podem vir a apontar para a questão do método, ao mesmo tempo tentando evidenciar que

para a pergunta “Como é? Já mudou o método da Suplência?” não há uma resposta pronta, acabada, linear.

Algumas palavras II

Junho de 2000.

O começo ficou para o fim. As pessoas costumam usar os termos *introdução* ou *apresentação* para anunciar que chegaram ao fim do trabalho e, portanto, já estão em condições de falar do seu começo. Parece que chegou a minha vez. Acontece que não tem trabalho nenhum concluído. O que tem é que tive que me obrigar a uma certa paralisação dos sentidos e das emoções para tentar compreender – e explicitar essa compreensão - um pouco sobre o movimento que me colocou diante do desejo de ouvir e falar coisas a respeito de formação de professoras.

Não sei como esse desejo surgiu. Sei é um pouco dos caminhos que ele tem me levado a percorrer, dos ecos dos passos anteriores aos meus, de algumas vozes anunciando-lhes os contornos e as paragens que cortam. Sei é um pouco do murmúrio das histórias que lhes configuram as possibilidades, das palavras que lhes emprestam definições, do acaso de algumas escolhas e de algumas (in)certezas determinantes das mesmas.

Sei muito pouco, mas o pouco que sei reverbera em mim, como o faz, também, o coro de vozes que constituiu este trabalho, e me deixa alerta para todas as futuras vozes que podem continuar a compor esse coro e os saberes que ele vai estar construindo.

Anunciar este trabalho está implicando em dar visibilidade a inúmeras seqüências de encontros e desencontros, de dúvidas e constatações, de conhecimentos e re-conhecimentos. Também em tensionar e desestabilizar relações, de diversas ordens e origens, já consideradas como dadas e estáveis. Anunciar este trabalho está exigindo um constante exercício de transgressão de enunciados hierarquizados e de níveis de compreensão, um esforço em traçar uma possível genealogia dos saberes que o constituíram e que foram constituídos, por sua vez, de maneira não-linear, ou, como prefere dizer Morin, de maneira circular, onde vamos das partes para o todo e do todo para as partes (MORIN, 1996), num mundo de coisas que foram feitas/ou não, ditas/ou não e desejadas/ou não, mas que possa ser elucidado “*a partir de um ponto especial que concentre em si, num dado momento, o drama e a tragédia do todo*” (Ibidem, p.182).

Pode ser o mundo de que Foucault fala, quando pretende definir genealogia: o que “conhece invasões, lutas, disfarces, astúcias” (FOUCAULT, 1998, p.15), sobre o qual devemos nos demorar e

“marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de lacuna, o momento em que eles não aconteceram.” (ibidem)

Um mundo que se expressa em palavras, que retornam sobre ele e o (re)constituem.

Um mundo cheio de coisas, e se “as coisas são prenes da palavra” (Bakhtin, 1997, p.405), vamos à elas. Às coisas e às palavras. Que às vezes são duma evidência desnorteante, outras duma opacidade repleta de significados possíveis, que podem ser construídos a partir de centros e de bordas. De narrativas e crônicas que falam da riqueza e do ordinário das coisas que as palavras ajudam a contar. Por que crônicas? Porque acreditar nelas nos contando, na marca do tempo que nos constitui e que constituímos através delas, pode produzir uma aventura pela escritura indo ao encontro de significados. Uma aventura como a do homem do “Conto da ilha desconhecida”, que, ao pedir um barco para ir ao encontro dela, pede “*um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim*” (SARAMAGO, 1998, p. 26) e, ao ser negado como marinheiro, responde: “*Se tenho a linguagem, é como se o fosse*” (Ibidem)

Crônicas e narrativas. Na minha opinião (suspeita?) legíveis e acessíveis, porém cheias de segredos. Segredos que podem ser compartilhados com o leitor, nos seus desvendamentos, na interação do coletivo que o texto conta – no contar que fazemo-nos com o outro – mas também na quietude, na solidão que o ato de ler muitas vezes nos impõe.

Este meu trabalho de elaboração – o das coisas ditas no texto e no como foram pensadas e escritas – creio que também vai ao encontro de um trabalho de elaboração do leitor, mediado pela materialidade desta minha produção.

Um dos meus desejos é de compartilhar, também, o modo de escrever, o processo de escritura. Escrevi pressupondo a leitura, e isso me deu prazer. E se ele despertar algo parecido nas

peças para as quais ele foi produzido, já terá cumprido um de seus propósitos. A gente também pode se entreter enquanto fica um pouco mais sabido.

Vamos ao que me foi possível, até agora, contar e pensar a respeito de formação de professoras.

A BAO A QU

Para contemplar a paisagem mais extraordinária do mundo, é preciso atingir o último andar da Torre da Vitória, em Chitor. Existe ali um terraço circular que permite dominar todo o horizonte. Uma escada em caracol leva ao terraço, mas só se atrevem a subir os que não crêem na fábula, que assim diz:

Na escada da Torre da Vitória mora desde o princípio dos tempos o *A Bao A Qu*, sensível aos valores das almas humanas. Vive em estado letárgico, no primeiro degrau, e só goza de vida consciente quando alguém sobe a escada. A vibração da pessoa que se aproxima lhe infunde vida, e uma luz interior se insinua nele. Ao mesmo tempo, seu corpo e sua pele quase translúcida começam a se mover. Quando alguém sobe a escada, o *A Bao A Qu* põe-se quase nos calcanhares do visitante e sobe agarrando-se à borda dos degraus curvos e gastos pelos pés de gerações de peregrinos. Em cada degrau sua cor se intensifica, sua forma se aperfeiçoa e a luz que irradia é cada vez mais brilhante. Testemunha de sua sensibilidade é o fato de que só consegue sua forma perfeita no último degrau, quando o que sobe é um ser evoluído espiritualmente. Não sendo assim, o *A Bao A Qu* fica como que paralisado antes de chegar, o corpo incompleto, a cor indefinida e a luz vacilante. O *A Bao A Qu* sofre quando não consegue formar-se totalmente e sua queixa é um rumor apenas perceptível, semelhante ao roçar da seda. Porém, quando o homem ou a mulher que o revivem estão cheios de pureza, o *A Bao A Qu* pode chegar ao último degrau, já completamente formado e irradiando uma viva luz azul. Seu regresso à vida é muito breve, pois ao descer o peregrino o *A Bao A Qu* cai rolando até o primeiro degrau, onde, já apagado e semelhante a uma lâmina de contornos vagos, espera o próximo visitante. Só é possível vê-lo bem quando chega à metade da escada, onde os prolongamentos de seu corpo, que como pequenos braços o ajudam a subir, se definem claramente. Há quem diga que ele vê com todo corpo e que ao tato lembra a pele do pêssego.

No curso dos séculos, o *A Bao A Qu* chegou apenas uma vez à perfeição.

(Borges e Guerrero, in "O livro dos seres imaginários")

I. Personagens em movimento

suplência. s.f. 1. Ato de suprir. 2. Cargo de suplente. 3. Tempo de exercício no cargo.

suplente. Adj. 1. Que supre; substituto. 2. Pessoa que supre; substituto. 3. Pessoa que pode ser chamada a exercer certas funções, na falta daquela a quem elas cabiam efetivamente. s.m. 4. Fut. V. reserva.

supletivo. Adj. Que supre ou se destina a suprir; supletório.

suplício. s.m. Dura punição corporal, imposta por sentença. 2. Pena capital. 3. Execução dessa pena. 4. Fig. Pessoa ou coisa que aflige muito; tortura. Suplício de Tântalo. O sofrimento de quem, desejando ardentemente alguma coisa, sempre a vê escapar-se quando prestes a ser alcançada, ou, desejando algo que está à vista, ou à mão, não o pode desfrutar.

(Dicionário Aurélio)

Suplência em Jaboticabal: Curso noturno de Educação de Jovens e Adultos, que corresponde as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental, composto pelos Termos I (1ª e 2ª séries) e II (3ª e 4ª séries).

Passos no caminho

Vinte e três de maio de 99.

Por duas vezes a Secretária da Educação me perguntou – se é que isso foi uma pergunta, pois tinha jeito era de cobrança – “Como é? Já mudou o método da Suplência?” Respondi o que achei que ela queria ouvir: que não, que isso não é assim, de um dia para o outro, que primeiro estava “sentindo” o grupo, conhecendo os alunos, me inteirando das coisas deles, reconhecendo o campo, afinal. Nem sim, nem não, muito pelo contrário. Tive vontade de perguntar a ela o que ela entendia por método. Tive vontade de compartilhar com ela as provocações que Marisa Vorraber Costa causa em mim, quando diz que:

“não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentre uma ou outra maneira de conceber as relações entre saber e poder” (COSTA, 1996, p.10).

Mas, vontade é assim: dá e passa. Não falei nada. Mas não me esqueci da pergunta.

Estou com o grupo da Suplência desde 98. Oficialmente empossada, há quatro meses. Quando digo “oficialmente empossada” é porque antes disso o que fazia era “pagar”, trabalhando com o grupo, as horas que ficava devendo por ter que viajar para fazer o mestrado. No começo de 99 é que a função de coordenadora da Educação de Jovens e Adultos me foi atribuída. São quinze professoras. Quando penso nelas, penso assim: uma, profundamente comprometida com o trabalho; duas, com seus alunos – os surdos -; uma, promissora, pois parece gostar do que está fazendo (pela primeira vez na Suplência); duas, tentando de um tudo, mas que levam a sério o que elas julgam ser a educação desses adultos; uma, que passa o tempo fazendo a turma passar o tempo; uma, que dá aulas pros “coitadinhos! mas o que é que eu posso fazer? é assim mesmo!” mas que trabalha feito um mouro; e as seis restantes – “restantes”, meu Deus! – que eu estou me enchendo de cuidados pra classificá-las porque fico pensando no que a gente deve pensar para dizer se uma professora é boa ou não e de onde a gente fala isso e que a palavra classificar é péssima mas agora não consigo encontrar outra.

No entanto, essa palavra marca os processos de formação, seja na nomeação atribuída aos cursos – formação inicial, formação continuada, capacitação, reciclagem etc –, em que uma condição é contraposta a uma condição dada, dividindo sujeitos em aptos/não aptos, capazes/não capazes, formados/não formados, e que vão revelando uma certa concepção de conhecimento que sustenta essas visões e essas políticas da verdade, que, por sua vez, vão produzindo um certa normatividade, condicionando o nosso olhar, que classifica sem relativizar, isto é, deixa de considerar as relações que o conhecimento tem com as determinações sociais, históricas e culturais da produção do mesmo.

Classificar alguma coisa ou alguém implica assumir “*valores por nós criados para o existir humano, pois, quando os inventamos, estruturamos uma hierarquia para as coisas e acontecimentos, de modo a estabelecer uma ordem na qual tudo se localize e encontre seu lugar apropriado.*”(CORTELLA, 1998, p.46). Estes, por sua vez,

“produzem uma ‘moldura’ em nossa existência individual e coletiva, de modo a podermos enquadrar nossos atos e pensamentos, situando-os em uma visão de mundo (uma compreensão da realidade) que informe (dê forma) os nossos conhecimentos e conceitos (nossos entendimentos); é a partir dos conceitos que guiamos nossa existência e, de uma certa forma, porque antecedem nossas ações, são também os nossos conceitos prévios, nossos preconceitos (pré/conceitos)(Ibidem).

“Classificar” uma professora me faz pensar nos valores e critérios que tomamos para fazê-lo, e no quanto eles estão impregnados pela diversidade de seus possíveis, inclusive os que carregam na sua concepção alguns equívocos herdados da ciência moderna e que hoje estão sendo revistos e repensados, como, por exemplo, o que Morin chama de conhecimento unidimensional, que “*se cega outras dimensões da realidade, pode causar cegueira.*”(MORIN, 1996, p.99). Uma cegueira que, nos processos de formação, ao privilegiar uma de suas dimensões em detrimento de outras (por exemplo, a social, a de classe, a individual, a psicológica etc), pode produzir uma lógica de exclusão: a boa professora tem que ser assim ou assado, privilegiar um ou outro tipo de conhecimento, uma ou outra opção metodológica.

O alerta que Morin nos faz quando propõe novas visões sobre o conhecimento e sobre as ciências, mais enriquecidas e transformadas, em que se estabeleça a comunicação entre objetos e sujeitos e que tente a comunicação entre “fatos” e “valores”, pode gerar novas maneiras de

pensar, capazes de conceber o enraizamento dos valores nas culturas e nas sociedades (MORIN, 1996), e, portanto, gestar uma nova lógica quase que conjuntiva: esta professora, neste determinado momento histórico, nestas condições de produção e trabalho, pode ser boa por causa da opção metodológica que faz e pelos conhecimentos que privilegia e pelo material que escolhe e pela produção dos alunos etc.

Acho que repensar esse tipo de postura, configurada pelas intenções que o pensamento classificatório faz emergir dos projetos de formação continuada, é uma necessidade. Uma necessidade que pode nos levar na direção de um esforço em desintegrar falsas certezas e pseudo-respostas, para tentarmos encontrar, senão respostas mais adequadas, pelo menos questões mais elaboradas que nos ajudem a transgredir/ movimentar mais quando pensarmos em formação continuada de professores.

Estou com esse grupo como sua coordenadora, mas como o cargo de coordenadora da Suplência não existe, fui nomeada Coordenadora do Ensino Fundamental – devidamente previsto em estatuto – para poder desempenhar esse papel, que inicialmente não prevê muita coisa a respeito das minhas funções, mas que me deixou – e ainda deixa – à vontade para pensar as coisas que se referem à formação em serviço dessas professoras. E pensar “formação de professoras” passa por muitas questões: quem deve indicar um projeto desses? Se precisa formar, é porque não está formada? Que critérios tomamos para pensar sobre isso? Ou melhor: que olhos tomamos emprestados para olhar para o problema? Os da escola? Dos alunos? Dos pais? Da coordenadora? Da Secretária Municipal da Educação? Da Rose? Do MEC? Do Paulo Renato? Do FHC? Da academia? Dos teóricos importados? Dos teóricos nacionais que dizem pensar brasileiromente o problema? Da vizinha de sala? Da vizinha da palestra/ do palestrante? Dos PCNs? Do dia a dia ? Da gente mesmo? Das nossas reflexões? E quem garante que a gente reflete? E o que é refletir? Corrijam-me os mais aplicados, mas quem reflete é espelho, que não se deixa atravessar pela imagem. Que não muda, a menos que o estilhassem. Ou que o derretam. (Isto é uma provocação assumida. É uma tentativa de falar da ilusão que temos sobre o “atingimento” que pensamos alcançar nos processos de formação de professores: homogêneo e completo. A ilusão é tanta, que os efeitos que de fato se produzem são, muitas vezes, efeitos de

não-atingimento, tantas vezes desconsiderados. Isto me incomoda muito, particularmente. E muitas vezes – e ainda particularmente – o incômodo pode se expressar em forma de provocação. Esta é só mais uma.)

Em meio às perguntas, apenas uma resposta: estava recortado meu projeto de mestrado. A pergunta da Secretária, de início pista, virou foco: “Como é? Já mudou o método da Suplência?”

Uma sensação estranha me percorre. Sinto-me como a Madame Deshoulières das Novas Cartas Portuguesas.

“Madame Deshoulières decidiu passar alguns meses num domínio a quatro léguas de Paris, e foi convidada a escolher o mais belo quarto do castelo, à exceção de um quarto que era todas as noites visitado por um fantasma. Havia já há muito tempo que Madame Deshoulières queria ver um fantasma, e a despeito de todas as objecções levantadas, instalou-se no quarto assombrado. Quando chegou a noite, foi para a cama, pegou um livro, como era seu costume, leu e, tendo-se acabado, apagou a luz e adormeceu. Depressa foi acordada por um barulho na porta, que fechava mal. Alguém abriu a porta, entrou, andando pesadamente...Estendendo as mãos, Madame Deshoulières agarrou duas orelhas lanzudas, e teve a paciência de segurar até a manhã seguinte...quando descobriu que o pressuposto fantasma era um cão que achava o quarto mais confortável para dormir do que as estrebarias.” (BARRENO et all, s/d, p. 83-4).

Eu não sei no que isto vai dar. Eu estava procurando o fantasma e o que acabei agarrando foi o velho cão, o cão de tão familiar odor e cor que os meus sentidos já haviam aprendido ignorar: as professoras de todo dia, o trabalho de todo dia, a solicitação de formação de sempre. Tudo tão ordinário e eu tendo que aprender a extrair disso o *extraordinário*. E ainda por cima tentar virar professora de professoras.

Para sentir seu leve peso

Guardava o rouxinol numa caixinha. Tudo o que queria era andar com o rouxinol empoleirado no dedo. Mas, se abrisse a caixinha, ah! certamente fugiria.

Então amorosamente cortou o dedo. E, através de uma mínima fresta, o enfiou na caixinha.

(Marina Colasanti, *in* Um espinho de marfim.)

A Suplência estava lá desde 1990. Eu cheguei em 92 e ainda me lembro do dia da minha escolha, com a nossa atual prefeita no cargo de secretária da educação começando a chamada da lista de professoras para escolherem a classe que deveriam lecionar naquele ano. Só quem a conhece pode dimensionar o desconforto da situação: uma mulher baixa, compacta, enérgica e com um vozeirão que dispensa qualquer recurso microfônico para ser ouvida num raio de uns bons cem metros, ali, na frente de mais de cem pessoas, a apregoar a lisura do concurso pelo qual ingressáramos na rede, já que eu, desconhecida e estrangeira, encabeçava a lista de aprovação no mesmo. Eu podia escolher qualquer classe. E as da Suplência estavam lá. Alertada sobre o que era, em que horário funcionavam e a que vinham, passei batido sobre elas e escolhi uma classe de pré numa escola recém inaugurada, daquelas do tipo “modelo”, com direito a salas arejadas, planejadas, espelhadas, equipadas e bem longe do centro, da prefeitura e das prováveis visitas, que eu não era tonta de me expor assim, tão de graça e imediatamente. Durante os seis anos seguintes, soube da Suplência tanto quanto os outros: mal, muito mal. A coordenadora do referido curso...Olha, agora até parei pra pensar no que já ouvi a respeito de como escolho as palavras ... Descrever esta coordenadora exigiria de mim requintes de vocabulário tais, que era pra combinar com a figura: parecia um bibelô. Nós brincávamos dizendo que ela devia dormir num cabide, porque nunca estava amassada. Chovesse ou fizesse sol, lá estava a dona L. de linho passado à ferro, sedas imaculadas, jóias finézimas e deixa com z mesmo que finézimas nem existe, maquiagem discretíssima, cabelos ajeitados um à um, voz monocórdica, praticamente sem gesticular enquanto falava. Hoje, conhecendo um pouco este grupo, fico imaginando como seria a relação dela com ele.

Em meados de 98 ela se aposentou. As professoras ficaram sem coordenação, entregues a seus compromissos pessoais com o trabalho, que ninguém se habilitava para o cargo. Enquanto isso, eu ia sendo coordenadora de uma das unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental, cargo esse que me foi dado por considerarem que eu seria a pessoa ideal para tal escola – central e que acolhe alunos oriundos de família mais abastadas – e para “peitar” uma das professoras de lá, que também é vereadora da oposição, cujo passatempo é ficar à cata das mazelas do partido da situação. Havia concluído o curso de Psicopedagogia em 96, ano das eleições, e no início do atual mandato – 97 – fui convidada para ocupar esse cargo – de “confiança”- pela coordenadora da Educação Infantil. Argumento: eu era “inteligente, preparada, psicopedagoga”, estrangeira, carefeia, e blábláblá e tinha feito minha monografia na sala da tal coordenadora e a moça tinha gostado e o trabalho foi apresentado num congressão em São Paulo e ela foi assistir e gostou dos elogios e, entre o fato e a vaidade, ela me indicou para o tal cargo, considerado de confiança, pois a professora indicada deve ser efetiva na rede, mas escolhida pela Secretária – com a anuência da prefeita – de acordo com alguns critérios geralmente relacionados com afinidades políticas conjugadas com competência. Qual seria meu compromisso? Estudar com todas as professoras da rede nas reuniões pedagógicas quinzenais. Uma parte que ninguém, naquele momento, queria assumir. (Em que consiste, efetivamente, as tais reuniões pedagógicas? O que se faz e o que se espera que façamos nesses encontros? Que estudemos? Que discutamos a prática? Que elaboremos aulas? Que seja tudo isso, enfim, de tal maneira que consigamos dar conta das peculiaridades da sala de aula, ignorando as invasões que sofre e que nos deixam sobressaltadas diante do inusitado e perguntando o que fazer com o já-planejado-estudado-metodologizado?) Soubesse ela das conseqüências, teria me deixado, cautelosamente, na sala de aula. Neste ano fui aprovada na seleção para o mestrado. Matrícula feita em 98, voltei de Campinas com a dura incumbência de convencer o povo a me liberar dois dias por semana para assistir as aulas. Tudo bem, desde que repusesse as horas de trabalho que não cumpriria por conta da ausência. Resultado: trabalhava três períodos do dia e aos finais de semana – reuniões, palestras, desfiles etc, etc. Até que me pediram para fazer as reuniões com as professoras da Suplência. Fazer o quê, meus Deus? “Qualquer coisa”, desde que as ocupasse por um período de tempo que elas ficavam “devendo” por receberem por quatro horas diárias de trabalho, sendo que só trabalhavam três. Lá fui eu, com a cara e a coragem, enfrentar o grupo mais mal falado da rede (e me parece

que de outras tantas redes de educação também: o estigma dos cursos noturnos de supletivo...). Desconfiadas que só elas, me receberam cautelosamente, atitude esta justificada pela má fama que eu tinha: sisuda, de pouca conversa, estrangeira, metida e outros adjetivos que me custaram alguns anos de isolamento das professoras da rede.

Textos, livros e apostilas debaixo do braço, embarquei nessa, não sem algum receio: será que estes encontros não se transformariam num castigo para nós? Tanto eu quanto elas estávamos ali para completar o horário. Que sentido dar à estes encontros? Entendi que deveríamos fazer algumas leituras. Ler. Por que essa opção? Penso no que Jorge Larrosa sugere, numa entrevista à Veiga-Neto, quando diz pensar a leitura como uma misteriosa atividade que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos, *“como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos”* (COSTA, 1996, p.133). Mas, penso também no lugar ocupado pela leitura no campo da Educação. Os cursos de formação de professores costumam “jogar” sobre nós bateladas de textos, das mais diversas origens e que muitas vezes nos arrancam lágrimas, quer seja de emoção – porque apelam para a “sensibilidade-inerente-a-todas-nós-professoras”-, quer pelo desespero diante da nossa incompreensão, porque prescritos por necessidades externas às nossas. Geralmente fica por conta do nosso bom senso saber o que fazer com eles. Mas, enfim, foi uma das tentativas.

Começamos por ler alguma coisa sobre a exclusão produzida pelo analfabetismo em alguns Cadernos de Pesquisas. Passeamos por alguns livros de Paulo Freire tentando compreender um pouco do que ele fala sobre a educação, sobre liberdade, pedagogia e autonomia, entre outros conceitos. Lemos alguns projetos de alfabetização de adultos de outras cidade. Enfim, fizemos um dos possíveis percursos do estudo: líamos. E, neste percurso, trouxe comigo as minhas histórias com a leitura.

Vinte e oito de abril de 99.

Meias soquete de lurex, calça cigarette de cetim, tomara-que-caia, dance music, Papagaio's, Dancing Days. No andar de cima do meu beliche, eu ia revirando os livros, revirando-lhes as páginas, revirando o estômago de raiva de meu pai, que acreditava que entre quatro paredes eu estaria salva do mundo lá fora. Então, eu revirava o mundo de dentro dos livros. Todas as minhas colegas a combinar para a noite bocas, poses e caras e eu ficava assistindo, sabendo que o meu destino já estava escrito. Literalmente. Nas páginas dos livro que tinha, que o pai não negava, achando que a instrução era a melhor viagem. Soubesse ele que vãos eu alçaria mais tarde impulsionada por aquelas leituras, teria me levado a todos os bailes que o seus excessivos cuidados me subtraíram. Minha idade? Alguma coisa entre doze ou treze anos e mais os séculos que minhas leituras me proporcionaram.

Lia vorazmente. A tarde toda e boa parte da noite. Os deveres de casa que esperassem. Ou não fazia, e dava um jeito de enganar os professores, ou fazia de última hora. Tudo muito chato, maçante, sem sentido. Sempre achei que seu cumprimento roubavam-me as preciosas horas de total ausência daqueles poucos metros quadrados do meu quarto.

Passei por um sem-número de Brasis, os mesmos das insípidas aulas de história, que os autores que lia, cada um a seu jeito, iam temperando, dando cor e identidade. Vagueei pelo mundo todo, e, a cada novo livro ou nova leitura de um que me encantava mais, perambulei por idéias alheias, me apropriando gradativamente de visões de mundo que, volta e meia, invoco para compreender o atual.

Fui me formando leitora mediada por algumas contingências. Uma, que tangia ao número limitado de alternativas: ou isto – a leitura – ou a televisão. Mas, como éramos três filhos e um só aparelho, deixava para os meus dois irmãos os entreveros para monopolizá-la. Uma outra: não tinha critério para escolher os livros. Lia o que me caísse nas mãos. O pai comprava o que julgava como clássicos. E me fazia o favor de espalhar o boato de que eu “adorava ler”. Resultado: nos aniversários, livros.

E então eu li “O veleiro de cristal”, de José Mauro de Vasconcelos, e me peguei furiosa com o livro! Uma história terrivelmente triste! Foi a primeira vez que me peguei dialogando com um autor, inconformada com ele ter me tomado tanto tempo com coisas que me desagradaram

tanto! E, daí para frente, não parei mais. Talvez venha daí uma certa resistência que tenho em incorporar as coisas que os autores anunciam, quando escrevem. Fico pensando no “veleiro” e nos percursos que, durante a leitura, as palavras de outros nos levam a fazer. Uma viagem, cujo destino passa primeiramente pelas palavras alheias a nós, que, durante a leitura se emaranham com as nossas e, ao final dela, passam a ser nossas (BAKHTIN, 1997).

Com o “veleiro” descobri que se eu não desejasse, qualquer coisa que eu lesse poderia cair numa espécie de “purgatório literário”, ficando por ali, até que o meu desejo fosse lhe buscar.

Revisitar minha experiência com a leitura fez-me/faz-me pensar. Tenho passado grande parte do meu tempo ou escrevendo ou lendo. Ou pedindo aos outros que leiam e escrevam, sem saber das histórias dessas pessoas, das suas histórias com os livros, das suas experiências com escrevinhanças e leituranças.

Então, o que será que eu estou pedindo?

Eu era muito pequena, não me lembro muito bem quanto anos eu tinha, mas aconteceu uma tragédia com minha família no córrego do Cavalo Preto, perto de Popolina. Meu padrasto mudou-se para uma fazenda. Não tinha casa construída, então ele construiu um barraco de pau - a - pique coberto com uma lona que ficava numa baixada. Naquela noite caiu uma chuva bem forte e veio uma enchente levando tudo. Nós já não tínhamos quase nada e o pouco que levamos, a água levou embora. Minha mãe ficou apavorada, meu padrasto não sabia o que fazer! naquela hora tiramos as caixas do lugar no meio da enchente, mas perdemos todo o arroz, feijão, açúcar, tudo rodou na enchente... As galinhas voavam para cima das coisas com medo da água. Minha mãe apavorada com água até na cintura quase que roda na água aquele dia.

Com essa experiência, meu padrasto construiu outro barraco, num lugar mais e mais seguro. A casa foi feita de pau - a - pique mas foi coberta com sapé e as paredes de barro. Fomos morar lá. A dificuldade era muito grande porque nós perdemos tudo com a enchente, não tínhamos mantimentos... Comíamos mandioca cozida e ralada, algumas fruta do mato, banana, marmelo, veludo e melzinho. Meu padrasto roçou o mato e começou a plantar lavoura. A falta de água era grande e nós a pegávamos das goteiras para usar depois. Lembro-me de uma passagem, eu e meus irmãos... Na época em que começava a fazer frio e nós sabíamos que ia

gear, colocávamos um prato com água doce em cima do telhado, no dia seguinte nós ficávamos na beira do fogão de lenha, esquentando e comendo aquele gelo docinho, tremendo de frio, mas continuávamos com aquele gelo, para a gente era uma festa, ficávamos muito felizes. Não tínhamos lugar para levar água na roça, quando íamos buscar, era numa caçamba. Na nossa casa não tinha moringa e sim uma bacia de pau chamada gamela, a qual era usada para tudo na cozinha para tudo, sequer podia ficar sem água senão rachava.

Ficamos uns sete anos neste lugar. Mudamos depois para Areia Branca, lá tinha um poço que era muito fundo, a água era pouca e na seca ela sumia. Quando tinha que lavar roupa tínhamos que ir no córrego, aproveitávamos para levar essa água para casa e para beber, para carregá-la, enchíamos duas latas grandes e púnhamos no lombo da égua e levávamos para casa e às vezes tínhamos que esperar alguém passar para ajudar a erguê-las, porque era muito pesado. Essa água era para cozinhar, lavar as verduras, arroz, feijão. Minha mãe dividia essa água para tomar banho e usava a que lavava o arroz, feijão e as verduras para dar aos animais: galinhas, porcos. Moramos em Areia Branca por uns quatro anos.

(Texto produzido por um dos alunos da Suplência – Termo II –)

NOME: Dalvina Custódio Ferreira Denoni - IDADE: 51 anos

NATURALIDADE: Macaubal – SP

PROFESSORA: Mariza Borsari

Falei das minhas primeiras leituras, e fiquei pensando nas atuais. Ou melhor, em quando e como elas ficaram mais freqüentes. Já no curso de Psicopedagogia, passei a dialogar com autores com os quais tenho procurado me entender até hoje. Vygotsky é um deles. Foi lá que eu ouvi falar em um outro que fica na espreita, quando me pego com Foucault: Bakhtin. Wanderley falava dele com um entusiasmo! Pedi, na época, uma sugestão de leitura, e ele veio com “Marxismo e filosofia da linguagem”. Livro comprado, e lá vou eu, toda importante, com ele debaixo do braço para a escola, pronta para o debate. Lêdo engano! Foi, isso sim, um verdadeiro combate. Entre o “burra” e o “despreparada”, escolhi a segunda auto-definição e deixei o referido livro na estante, de costas, que era para não incomodar muito. Já no mestrado, não contente com só este desafio, adquiri, não sem algum ar de importância, o “Estética da criação verbal”. Mas, aí eu já tinha o grupo e o Wanderley para minimizar a tortura. Está sendo difícil, mas está sendo. A

disciplina “Sociologia da Educação” colocou-me em contato com relações entre educação e trabalho, mas falar das leituras, assim de cabeça, eu não posso. Sei que treinei bem o meu francês-de-colégio-de-freiras e que posso falar um pouco da colaboração de Castell para a discussão. Será isso um sinal? No curso da Corinta, achei que ia ficar maluca! Morin, Boaventura, Kuhn, Löwy, Marx – esse eu ainda pego – Descartes, Weber, e vai indo que a lista é imensa. E eu ia lendo e entendendo e não entendendo e escolhendo frases que era pra não parecer muito burra e entendendo e complicando e descomplicando e escutando os outros...até que comecei a fazer perguntas. E aí percebi que , finalmente, as coisas começavam a fazer sentido. Mas as perguntas surgiam fora da academia. Surgiam no meu trabalho. Bom sinal, eu pensei. Sinal que elas existiam de verdade. E o Joaquim? Ah! o Joaquim... Devo a ele minha primeira leitura de Platão: Fedro. Que beleza o “da beleza”! Depois ele abusou com Derrida! Li, mas não entendi nada. Nem no “purgatório” ficou. Regina de Souza e Lucy. Vamos ao mix: Condillac, Saussure, lingüística, linguagem, psicologia e filosofia. Foucault. E grandes sustos. “Em sobressaltos” eu notava que a coisa funcionava assim: primeiro, eu mal entendia – e isso me fazia voltar pro começo. Em seguida eu ficava prestando atenção ao entorno e a relacionar os estudos à uma nova compreensão das coisas. Mas compreender as coisas de novas maneiras me aguçava o olhar e me dava indícios de outras coisas a serem compreendidas. E isto me lançava à novas leituras dos mesmos textos ou à procura de novos outros. Me fiz clara? Deu pra entender? Se não, não faz mal. Tente o exercício que venho fazendo já há algum tempo: releia, que uma hora dá. Li Cortella e Paulo Freire. Enquanto isso, descansava na literatura. De algumas, já falei. De outra, não. Li Wanda Fabian – “O evangelho da incerteza”. Lindo. Continuei lendo Baudelaire. Poesia, sempre. “A barca dos homens”, de Autran Dourado: os fragmentos tecendo um texto muito bonito! Viajei com Saramago, procurando a ilha desconhecida. Li um pouco de teoria da Literatura: Barthes, Lyotard, Chartier. Muito chiques. Mário de Andrade, Machado de Assis, que é pra dar uma força pra filha vestibulanda. Li alguns textos do “A surdez – um olhar sobre as diferenças”, organizado pelo Skliar, de onde tiro uma citação que um dos textos faz de Vygotsky, que eu achei uma beleza!: *La palabra es el germen de la ciencia, y en este sentido cabe decir que en el comienzo de la ciencia estaba la palabra.* (Vygotsky, in Obras escogidas). Eu tenho lido um bocado. Mais do que poderia e menos do que deveria.

No dia treze de fevereiro de 1999, antes de iniciarmos o desenvolvimento de um projeto pedagógico que mobilizaria todas as escolas da Rede Municipal de Educação, batizado de “Água viva, água vida”, nossa cidade passou por uma enchente que a colocou em estado de emergência. Meus alunos, que são jovens à partir de catorze anos até senhores e senhoras de mais de sessenta anos, chegavam para as aulas e não sabiam falar de outra coisa a não ser dessa enchente. Muitos haviam perdido tudo. Lembrando dos escombros e das cenas que víamos, durante as aulas tentávamos entender o que tinha acontecido, lendo e conversando sobre textos que falavam de meio ambiente, preservação da natureza, ecologia, água, lixo, etc. Tentávamos encontrar uma explicação que nos indicasse o caminho à seguir para que a tragédia não se repetisse. Mas começamos a perceber que os textos eram impessoais. Independentemente de onde vinham (jornais, revistas, programas de televisão, etc.) não tinham relatos de pessoas e de suas histórias de suas vidas. Percebemos, então, que tanto a tragédia quanto o projeto eram situações vividas por nós e que, portanto, seríamos nós os atores dessa história. E por que não, então, os autores também? Pensando nisso, formulamos a seguinte proposta: nosso papel nesse projeto seria o de contar a relação que nós, os moradores da cidade, construímos com a água. Isso nos fez lembrar das nossas origens, das nossas histórias pessoais, dos “causos” e contos, e tudo isso ia sendo contado e escrito pelas nossas turmas, pois, pela primeira vez, os textos que estão fazendo com que aprendamos dentro da sala de aula, somos nós que estamos escrevendo. (Texto produzido pela professora da Suplência – Termo II - Maria do Carmo T. G. Bento, para apresentação de um relato de experiência no COLE – Congresso de Leitura do Brasil – Campinas – 1999)

*Cai água, cai água
Que estranha potência a sua
Todo sentido da vida:
És mais bela que a Lua*

*Água, fonte natural
Se acabar, um desastre mundial!
É mãe, sua nascente.
Tu, os corações deixa mais quente.*

*Nos alimenta
e serve para muito mais:
Alimenta a vida
das plantinhas até o maior dos animais.*

*Sem você, não existiríamos.
És a causa da vida.
Frágil como o vidro,
E, da vida, és a mais linda!*

*Do rio, és a nascente;
Da vida, a esperança;
Da planta, és o brotar
E todos de ti devemos cuidar.*

(Texto produzido por um dos alunos da Suplência – Termo II)

NOME: Josefa Santana da Silva – IDADE: 29 anos

NATURALIDADE: Maceió - AL

PROFESSORA: Maria do Carmo T. G. Bento

A cada encontro com o grupo da Suplência saía com a nítida sensação de que as professoras queriam falar muito mais do que falavam. A cada encontro, no lugar das professoras que-poderia-ser-qualquer-uma, surgiam a Cláudia, a Terezinha, a Sílvia – que nem está mais entre nós, mas cuja memória constitui o grupo – a Elena e todas as outras. A cada encontro ficava sem saber como seria o próximo. Enquanto isso, íamos fazendo coisas menos importantes para elas, tal como estudar e tentar aprender como se faz “daquele jeito”. E que jeito seria esse? Talvez o das prescrições, o das solicitações, o das expectativas que se tem sobre o trabalho pedagógico que muitas vezes não são “oficialmente” expressos, mas que se manifestam quando das perguntas que nos fazem nos “e aí? como vão as coisas? como a turma está? qual o resultado das avaliações? quantos serão promovidos? que material está usando? mudou o método?”

Lá pela terceira ou quarta reunião, onde, até então, tentávamos ler juntas alguma coisa que EU achava que seria legal, comecei a perceber que elas estavam começando a querer falar alguma coisa. Prestando mais atenção, percebi que quando elas falavam de si próprias, e não do seu trabalho, o grupo ficava mais solto, mais animado. Mas, isto não é nenhuma novidade: falar do que se conhece é muito mais fácil. Não que elas não conheçam o próprio trabalho: a questão é como ele é dito por elas. Elas concebem seu trabalho, mas o dizem de um outro jeito. Quando elas falam do trabalho, falam sabendo que quem está ouvindo espera uma coisa “boa” (olha’í o “classificar” de novo...). O que é discursar sobre alguma coisa quando se sabe o que está sendo esperado que se diga?. Neste dizer eu percebia uma tentativa de atender as expectativas que o meu lugar social suscitava nelas. Há uma expectativa de que o aluno da Suplência saia do Termo I e II de tal ou tal maneira, mas, no fundo, não é isso que se faz o tempo todo. Mas como é que elas diriam isso para alguém que estava esperando que o dissessem, porque o meu lugar social dá indícios de que o digam?

Não sei em que momento exatamente a coisa se avolumou e os relatos sobre suas histórias tomaram conta de vez das nossas reuniões. Sei que dava uma corda danada pra elas e, com isso, elas foram crescendo, crescendo, até que cada uma apareceu. (No diálogo, na dinâmica das interações, o dizer-se possibilitava uma alternativa de dizer vários: singularidades, trabalho, modos de ser, agir e fazer. Mulheres-professoras nesse movimento...) Já conseguia nomeá-las. Os caminhos, atalhos e descaminhos que as levaram até onde estavam, iam sendo re-percorridos por nós. Talvez re-significados. Narrar suas próprias histórias – e serem ouvidas – colocarem-se diante de uma platéia, sentirem a recepção de suas falas, rirem, chorarem, ignorarem – que já é querer demais achar que o tempo todo todas estavam envolvidas – tudo isso foi dando um novo movimento ao grupo. Alguma coisa assim: falar de si, aproximava; falar do trabalho: afastava; falar de mim, Valéria-coordenadora, silenciava; falar das condições de trabalho: aproximava; falar dos alunos: aproximava.

Chamou-me a atenção o “falar sobre o trabalho”. Falar sobre as condições de trabalho em geral aparece como um aliado para se evitar tematizar o trabalho propriamente desenvolvido. A gente fica esperando as condições ideais para o trabalho ideal. Numa relação prescritiva como

essa, fico me perguntando o quanto é difícil, não só para elas, mas também para quem forma, debruçar-se sobre o que efetivamente está sendo feito para pensar no que e como fazer.

E foi indo. Enquanto isso, falávamos pro povo que estávamos estudando. E estávamos estudando? Numa concepção de “estudo”, que tradicionalmente tem marcado os processos de formação, pode parecer que não. Quem via de fora, podia dizer que estávamos ali, contando casos, e muitas delas também pensavam isso. Ao final de cada encontro, ficava me perguntando o que estava buscando, e que efeitos o contato com aquelas narrativas estavam produzindo.

Eu estava me deixando impregnar pela possibilidade de um outro caminho: se o primeiro tinha sido a leitura, agora a narrativa estava ganhando espaço, e a experiência do narrar-se – e de sua hesitação em narrar-se no trabalho - estava ficando central. Reverberavam em mim as palavras de Benjamin, quando diz que o artezão (o narrador) enquanto trabalha, conta, e enquanto conta, conta sobre seu trabalho (BENJAMIN, 1987).

Contar coisas. Falar sobre coisas. Falar do que fomos e das coisas que fizemos, do que somos e das coisas que fazemos, do que queremos ser e fazer. Falar do ontem, do hoje e do amanhã. Narrar e narrar-se nesses três tempos implicam habilidades de composição e construções narrativas. Quando falamos de nossa vida e das coisas da nossa vida, falamos do tempo de nossas vidas, e ele é narrado e articulado em uma história, a nossa história, o nosso caminho.

Narrar caminhos. Narrar-se nos caminhos. “*A vida como caminho e nós como viajantes*” (LARROSA, 1998a). Um caminho que traz as marcas de como o constituímos e fomos constituídos, pela nossa experiência – a que é viagem interior, e que se torna verdadeira quando é experiência de si mesmo. Um caminho que, ao ser narrado, pode ser ouvido, interpretado e significado, abrindo possibilidades para nossa própria re-interpretação e re-significação como sujeitos identificados e se identificando nas nossas histórias. Sujeitos que, se atravessados pela própria experiência, deixam-se modificar e se re-constituem, e que ao narrá-la, re-interpretam-se, pois falam de um tempo que foi re-significado pelo tempo presente – o da narrativa e de suas escutas.

Caminhos e tempos. Tempo e vida. O tempo da nossa vida é tempo narrado e articulado em uma história. A nossa história, que, ao ser narrada, passa a constituir outras histórias, outras narrativas. Narrativas que nos contam e que contam outros, que ao contarem-se outros, porque contados nas nossas, contam de desestabilizações e de possibilidades de saída da clausura de uma

falsa identidade que a auto-interpretação, expropriada das relações com o outro e com suas histórias, pode manter.

Lá pelo meio do ano, num dos encontros, a conversa foi indo, foi indo, até que uma delas falou que eu não era o que elas pensavam que fosse. Tinha entrado pra turma.

(Julho de 00

Naquele momento era isso o que eu pensava . Eu continuava sendo a coordenadora, mas começava a ser dita pelo grupo também: naquele momento o meu lugar social se desdobrava. Ao longo do trabalho com o grupo, nós estávamos conseguindo produzir uma proximidade, uma intimidade como interlocutoras, uma confiança no acolhimento e na compreensão de nossas palavras . Era o que eu pensava quando achei que tinha entrado para a turma. Hoje, passado mais de um ano, escrevo sobre ele de memória. Hoje, há quase um ano, estou instalada numa sala dentro da Secretaria da Educação, com as minhas funções redefinidas e que me colocaram num novo lugar social, ainda que a função de coordenadora desse grupo se mantenha. O que é uma sala dentro da Prefeitura? Penso no significado disso e no quanto o fato de eu ter ido para lá fez as professoras do grupo pensarem no “de que lado, afinal, ela está?” Quando eu pensei ter entrado para a turma, fui deslocada nesse “estar na turma”(o “ser parte da turma”), pois passei a estar na Prefeitura as várias horas de meu trabalho. O espaço disponível para as reuniões passaram a escassear. Houve um afastamento espacial, temporal e “da turma” propriamente dita, que me pareceu ser vivido como desconfiança pelas professoras, porque, aparentemente, eu estava deixando a turma para estar numa “outra” turma. Eu vivi esses momentos de proximidade com elas, mas fui assaltada nesse “entrar para a turma” por essa nova condição funcional. O tempo, o afastamento que ele por si só proporciona, mais o distanciamento que minhas novas funções e a própria pesquisa produziram – e que são inescapáveis – me permitem hoje olhar para o que se produziu logo em seguida a proximidade que estava sendo gestada e ter outros pontos de vista sobre isso, pois como anuncia Bakhtin, *“um ponto de vista é cronotópico, ou seja, inclui tanto o momento espacial como temporal”*(BAKHTIN, 1997a, p.373). Os outros espaços, os

outros tempos que passei a viver, produzindo novos efeitos nessas relações, me fazem retomar alguma indagações acerca dos processos de formação. Penso no vínculo entre os sujeitos desses processos - conquistado à duras penas - sendo tantas vezes “desmanchado” pelas organizações que não o pensam como elemento fundamental para qualquer processo educativo. Penso na inconsistência de alguns discursos que apregoam-lhe a importância na relação professora/alunos (que “tem que estar próxima deles para conhecê-los e entender-lhes a diversidade”), quando da sua eliminação dos processos de formação. Cadê o lugar da intimidade, da cumplicidade que precisam ser mantidos? Foi um drama pessoal que vivi, e ainda vivo, que me faz constatar algumas coisas sobre processos de formação e que essa experiência me permite dar a ver. Sem negar o que foi, pensando no que é hoje e no que está por vir...continuo pensando, pensando, pensando...)

Até então, eu tinha a impressão de que o projeto de mestrado estava esperando... Não sei quando eu comecei a achar que poderia ser com elas. Sabia que queria trabalhar com um grupo pequeno. Quer dizer: sabia não! intuía. A multidão gera o anonimato. Nos grupos pequenos tem gente significando o mundo e sendo significada por ele através de suas histórias. Nos grupos pequenos a gente se olha, a gente tem a proximidade, tem a chance de se aproximar dos significados que estão sendo elaborados e de como as pessoas estão sendo significadas. A escolha desse grupo para ser o da minha pesquisa não foi um processo intencional. Ele já estava lá, dado. Entrei de gaiata no navio, mas acho que não entrei pelo cano. Durante todo esse tempo, viemos investigando as possibilidades de falar e de escutar, reciprocamente. Timidamente, cautelosamente, sorratamente. Às vezes, à meia voz. Outras, aos brados. Mas , sempre, conversando e sendo conversadas. Negociando. Ficando de mal e de bem. Tricotando. Filosofando. Viajando na maionese. Ligando pra ver se a mãe melhorou, se o filho chegou, se o curso foi bom. Cortando bolo no dia do aniversário. Dando palpite no traje e na maquiagem. Falando do aluno preso. Do pai preso do aluno. Conhecendo as conhecidas. Aliás, re-conhecendo as conhecidas.

Ecoss no caminho

Novembro de 98.

Deus me livre! Catequista, Sílvia? Ué, quié que tem, Valéria? Mas isso lá é profissão? Você não falou profissão! Você falou no que “gostaria de ser”. Eu queria ser catequista. E ninguém me tira da cabeça que quando eu dou aula pra esses adultos eu não estou meio que nisso de catequese. Quer dizer que quando a gente alfabetiza a gente meio que salva a alma do coitado, Sílvia? Se salva a alma, eu não sei. Mas também não deixa qualquer um levá-los pro inferno assim, fácil - fácil, só por eles não saberem ler.

Sílvia, em meados desse ano, entrou em depressão. No começo de 99 ela pediu exoneração. Era muito respeitada pelo grupo. As professoras costumavam calar-se para ouvi-la. Tem seus cinqüenta e tantos anos. Alta, sempre muito alinhada, sem deixar de ser discreta. Uma dama. Dizia sempre que queria ter sido catequista e que um dia iria realizar esse sonho. Enquanto isso, ia sendo professora. Dia desses foi vista saindo de um centro espírita conhecido.

Surdos, Cláudia? Surdos, Valéria. Eu e a Terezinha. Lá na “Estrelinha Azul”. Alunos de todas as idades. Os mais novos têm entre catorze e quinze anos, e os mais velhos estão beirando os quarenta e a gente chora com eles. As famílias - quase todas - rejeitam esses filhos por causas da deficiência, mas na hora de explorar, bem que sabem! Quase todos os alunos trabalham. Quando recebem, entregam o salário na mão da família como se isto os ajudasse a se sentirem menos culpados pelo peso que a própria família faz questão de que sintam. Sabe o que a gente fez, eu e a Terezinha? Eu trabalho no Banespa. Perguntei pra cada um quem queria abrir uma poupança pra depositar uma parte do salário lá. Todos toparam. Hoje, todos têm um dinheirinho guardado lá, sem que a família saiba. Pras coisinhas deles, sabe. Vocês acabam que tomam conta deles até fora da escola, não é, Cláudia? Tomam conta, Valéria?! Então, escuta só: tem o J. Eu moro de frente pra uma praça. Num belo dia, lá estava o J. sentado no banco da praça, olhando

as pessoas passarem. A maioria era casais de namorados. Eu o vi lá sentado, quieto, mas não fui até ele. Essa cena se repetiu algumas vezes. J. tem vinte e dois anos. Num belo sábado, seis e meia da manhã, aquela bateção de palma na frente de casa. Meu marido saiu e voltou dizendo que provavelmente era um de meus alunos, porque era um “mudo”. Era o J. O que é que foi, J.? eu perguntei - Sabe o que foi que ele falou, Valéria? Que ele queria namorar! Pensei que fosse comigo, e quase caí das pernas! Mas não. Ele tinha estado ali, sentado naquela praça por vários finais de semana, observando as pessoas, e chegara à conclusão de que nunca namorara e que agora queria namorar. Só que a coisa era mais séria. O que ele falava que era namorar depois de muita conversa descobri que era “transar”. E aí, Cláudia? Não ri não, Terezinha! Não? Você vai ver se não é para rir!... Foi aí que ele não parou mais de falar na coisa. Era na escola, era lá em casa, onde ele aparecia nas horas mais malucas, era comigo, com os colegas, com a Terezinha. Aí, meu marido disse que tinha uma idéia e que queria sentar comigo, com a Terezinha e com o marido dela pra conversar. Sabe qual era a idéia, Valéria? Era pegar o J., o meu marido e o da Terezinha - isso pra um vigiar o outro! - e levá-lo pra zona! Meu Deus, Cláudia! E levaram? Espera, deixa eu contar. Ficamos pensando no assunto, mas, enquanto isso, resolvemos trabalhar um pouco com educação sexual com as nossas turmas. Sabe lá o que é falar de sexo com surdos? Quase tudo você tem que mostrar, porque o conhecimento deles sobre o assunto é muito menor do que o do aluno ouvinte. Porque a vida deles não é igual. A experiência deles nunca é igual. Aí foi um tal de leva camisinha, leva cenoura pra fazer de pênis - vocês estão rindo, é? pois coloquem-se na nossa pele! A gente ri agora, mas na hora... - leva figura, explica, agüenta brincadeirinha, gracinha, tenta romper o silêncio e a vergonha. E, enquanto isso, pensando no assunto do J. : vai pra zona, não vai pra zona... Vai! Chama o J.. Conversa com o J. e marca o dia. Chega o dia, vai buscar o J. devidamente orientado e leva pra zona - o meu marido e o da Terezinha . Gente! vocês não calculam o que foi, eu e a Terezinha, sentadas lá na cozinha de casa, horas a fio, tomando um café atrás do outro, esperando eles voltarem. Quando foi lá pela meia noite e tanto, eles chegaram. O J. com cara de besta e os outros dois mal disfarçando o riso. J. não era mais virgem e estava com cara de que tinha gostado e muito! Podem rir! até parece que vocês também não fazem de um tudo, nesta Suplência!!

Cláudia e Terezinha trabalham no curso de alfabetização de jovens e adultos surdos, numa unidade chamada de Estrelinha Azul. Durante o dia, Cláudia trabalha num banco e Terezinha dá aula para crianças surdas. A jornada de trabalho de ambas passa de doze horas diárias. Mesmo assim, são duas que se mantêm super atentas durante os nossos encontros. São de pouco falar, mas no dia em que relataram o caso de J., falaram por mais de hora. Relato emocionado e emocionante. Cláudia é uma moça de uns trinta anos. Bonita. *Olhos azuis*. Sorriso perfeito. Terezinha é uma senhora de uns quarenta e muitos anos. Perguntei pra elas o que elas gostariam de ser quando crescerem. Ricas!, foi a resposta.

Olha'í, Elena, explica direito esse negócio de “periferia do meu sonho”. É que quando eu era moça, eu queria ser coreógrafa. Mas, pra isso eu teria que ir para São Paulo estudar dança. Coreógrafa ou dançarina, Elena? Co-re-ó-gra-fa! Coreógrafa cria dança. Eu queria ensinar a dançar. Mas naquela época quem fazia isso era chamada de...assim...sabe...De prostituta, Elena? Isso! Disso mesmo. Então, fui ficando por aqui mesmo. Mas queria estudar, trabalhar. Pensei em ser professora. Professora pode cantar, dançar, contar histórias, inventar, e todo mundo acha normal. Acham até legal quando vêem uma professora dando uma de atriz na sala de aula. Falam “olha como ela é criativa! que entusiasmo”. Como se fosse um palco, Elena? Isso! Exatamente. A sala de aula tem sido um palco pra mim, nesses meus quase trinta anos de magistério. Mas, quando eu penso no que eu queria ter sido, a sensação que eu tenho é de que eu fiquei na periferia do meu sonho.

Elena não tira os olhos de cima de mim, enquanto falo. Presta uma atenção danada nas falas das outras professoras. Elena gosta de dar aula pra criança pequena, assim, de maternal, porque com elas dá pra cantar bastante, dançar, brincar, contar histórias e tudo o mais que ela gosta e sabe fazer. Elena perdeu um filho há dois anos, já adulto, de acidente. Elena tem um marido-companheiro que curte/incentiva todos os seus devaneios pedagógicos. Não pretende sair tão cedo da sala de aula. Tem um olhar triste e cintilante ao mesmo tempo, quando fala de trabalho. Elena é professora há quase trinta anos. Elena está na periferia do seu sonho esse mesmo tanto de tempo.

(Elena se aposentou em 99. Sabe-se lá na periferia do quê ela anda. Ou não)

Agosto de 99.

"A aproximação com a Verdade depende da intencionalidade e esta é sempre social e histórica; assim, a exatidão não se coloca nunca como absoluta, eterna e universal, pois a intencionalidade também não o é. A intencionalidade está inserida no processo de as mulheres e os homens produzirem o mundo e serem por ele produzidas e produzidos, com seus corpos e consciências e nos seus corpos e consciências."(CORTELLA, 1998, p. 111-2)

E aí eu venho e pergunto no grupo o que é que elas vão fazer quando se aposentarem. Uma diz que vai viajar e que nunca mais bota os pés numa sala de aula. A outra diz que não sabe. A outra diz que já que não teve tempo de ser mãe, vai ser avó. A outra diz que ainda está longe e que nunca - duvido! - pensou no assunto. A outra diz que continua na escola, mas fora da sala de aula. A outra diz que vai fazer Psicopedagogia e montar um "negócio". A que está a menos tempo na sala de aula, está há doze anos. A que tem mais tempo, tem vinte e três anos e sete meses e estou contando os dias, Valéria! É essa que vai botar o pé na estrada e dar adeus de costas pra escola.

Aprisionadas pelos deveres do ser-professora, essas mulheres não poderão, nem que o queiram, retirar de seus corpos a marca desse tempo: o tempo em que produziram como professoras, o tempo que as produziu professoras e o tempo em que o mundo fez com elas o que fez por serem professoras. Que saberes e que conhecimentos elas estão produzindo - e por quais estão se deixando atravessar - se, ao focalizarem o fim dessa longa jornada, vislumbram o desejo de serem apartadas dela, como se, finalmente, o destino pudesse ser tomado nas próprias mãos e elas pudessem dar uma grande banana para esse ofício e ir cuidar de serem felizes?

Sabe o que também é duro nisso tudo? É que eu fico pensando no meu caso com a educação.

O caso é que foi por acaso. Mais por incidente que por acidente. Recém declarada a filha pródiga - no sentido bíblico mesmo - o que eu tinha de fato era uma filha nas entranhas e o lugar de pendurar diploma na parede ainda vazio. E vinte e um anos. Dois anos antes eu havia feito duas tentativas de ocupá-lo: a primeira, com c.r.p. e tudo: queria ser psicóloga. Depois de um ano entre a chatice do curso e os sustos de um estágio num hospital psiquiátrico, abandonei o primeiro diante dos olhares atônitos da família: como é que eu jogava assim, pela janela, a chance de ser formada pela USP, e psicóloga, ainda por cima? Mas, foi-se. A outra tentativa foi a de fazer o curso de Letras ou de Pedagogia. Percebeu o "ou"? Hoje tenho muitas alunas que estão fazendo Pedagogia porque passaram no "ou". Fiz vestibular para os dois cursos, passei em ambos e escolhi Letras. E esqueci do "ou". Comecei o primeiro ano de Português/Francês na USP mas não o terminei: casei-me, engravidei-me, separei-me, e deparei-me sem lenço, sem documento e sem diploma. Enquanto cuidava da barriga, fui dar conta de uma sugestão que acompanhou várias gerações de mulheres deste nosso país: vai fazer magistério, minha filha, que umas aulinhas nunca hão de te faltar. Enquanto vagava a barriga, fui fazer um curso vago de magistério, onde o que mais tinha era gente com vagas idéias a respeito da tal profissão. E ,enquanto substituía na escola estadual em que a minha própria mãe dava aulas há um tanto de anos, fui encarando a possibilidade de retomar o "ou". Pedagogia. O caso é que o que me movia era o por que não? ao invés do porque sim. Mais três anos e meio viajando de quando-em-vez-uma-vez-por-mês pra me formar pedagoga. E o número de aulas que dava ia crescendo e eu ia sendo professora.

Não fui ser professora: fui sendo. Devagarinho. Que nem dieta: um dia de cada vez. Passei por um monte de classes, até me darem uma inteira, por um ano inteiro. Não tenho fartas lembranças dessa época, nem de crises, nem de vitórias e nem de fracassos. Minha relação com a coisa era a de uma certa inevitabilidade que, já a decisão sobre o quê fazer, minha filha e meus pais? havia sido plantada em minha vida. Findo o tal curso e fincado os pés na decisão, fui chamada por uma escola particular - e confessional - para uma entrevista, que eles precisavam de

uma professora de Português e de Música para terceiras e quartas séries do antigo primeiro grau. Acreditando na cara, botando fé na coragem e apostando na lábia, que na ausência da credibilidade da/em minha formação, era o que ia me colocar no emprego, lá fui eu, de ex-aluna de colégio de freiras francesas, tentar convencer a diretora-freira que eu era a melhor candidata. Se era ou não, nunca soube. Sei que o emprego foi meu durante quase três anos. Enquanto isso, dava aulas da primeira série até o terceiro colegial da escola estadual, que a falta de professores podia ser ruim para todos, menos pra mim. Alfabetizei, dei aulas de História, Geografia, O.S.P.B., em classe especial, fui candidata à vice-direção, fiz salada de frutas, ensaiei bandinha, vendi bilhete na Festa da Primavera, botei aluno pra fora, acompanhei excursão pra Bienal de Artes, ganhei presente, dei nota baixa e nota alta, reprovei, briguei em conselho de classe, tirei licença-saúde, chorei por causa de aluno e de colega, limpei muitos beijos molhados e algumas bundas, fiz chapeuzinho de jornal, várias vezes quis dar qualquer coisa pra não ter que ir hoje pra escola, meu Deus! Na escola particular, não fiz algumas dessas coisas, mas fiz outras. Rezei pra começar a aula e pra terminar - nos dois sentidos. Fiz coroa pra santa, ensaiei hino, frevo, sorriso. Fiz que corrigi caderno, prova, caráter. Dormi, cheguei, saí e falei fora de hora. E fui mandada embora, que ali não era lugar de gente bocuda. Caderno de empregos nas mãos, achei um noutra escola particular: fui-ser professora de matemática de quarta série. Ganhava bem, trabalhando nos dois períodos, pois ainda estava na escola do estado com aulas no colegial. Pras balinhas, como dizia meu pai, pois continuei morando na casa dele até o meu segundo casamento. Quando este estava às vésperas de se realizar, foi me batendo um susto: vou casar, mudar de cidade e...e trabalhar? Candidatei-me à uma vaga num colégio particular de Jaboticabal, mas eles nem tchum! comigo. Aí, tinha o concurso da prefeitura. Aí, fiz. Aí, passei. E o resto já contei antes.

Enfim, mas não finalmente, estou-sendo professora já tem um tempo. Um tempo que é meu mas é de todas as professoras. Tempo que ajudei a constituir e em que fui constituída. No tempo certo? Não sei. Algumas vezes no vai-da-valsas. Outras, no vendaval.

Advogada. Executiva. Médica. Cantora. Enfermeira. Apresentadora de programa de televisão. Intérprete. Política. Sonhos. De mocinhas. De mocinhas que nasceram numa cidade pequena, em famílias grandes com tradições e preconceitos ainda maiores. Todas queriam ter

sido e não foram. Quase todas gostariam de poder ser outra coisa que não professora. Todas contam histórias. Histórias que parecem querer tirá-las do anonimato. Da impessoalidade. Histórias que produzem sentido na produção de novas histórias, suas e de seus alunos. São o passado e o futuro ladeando, penetrando, se enroscando com o presente.

Mulheres que não foram ser o que queriam, que serão outra coisa que não professoras assim que puderem, e que vão sendo professoras enquanto isso. Como é pensar um projeto de formação continuada para esses sujeitos e com esses sujeitos, levando em conta suas determinações e indeterminações?

Cheguei a uma questão fundamental da pesquisa. Tal o A Bao A Qu, ela só se deu a ver no movimento, na aproximação, na transparência como espaço e possibilidade de significação que ela abre. Enquanto não houve o movimento de entrada na pesquisa, essa questão não se apurou, questão esta que traz também as marcas das especificidades das relações em que ela foi se produzindo.

Como dar continuidade à formação de uma professora que não se quer professora? Como dar continuidade a um trabalho de formação profissional de mulheres que ficaram na periferia de seus sonhos?

Isso me leva a Tântalo...

***TÂNTALO.** Este rei da Lídia ou da Frígia era filho de Zeus e da ninfa Pluto, e pai de Níobe e de Pélops. Segundo a versão mais comum, Tântalo revelou aos mortais o mistério do culto dos deuses; há, porém, outras tradições que afirmam que ele roubou o néctar e a ambrósia aos deuses, para oferecer ao seu povo as essências imortais. Conta-se ainda que, desejoso de por à prova a arte de adivinhação dos deuses, lhes serviu, durante um festim, o próprio filho. O crime foi descoberto por Zeus, e Pélops foi ressuscitado por Hermes. Diz-se também que ele atrairá a si uma pena eterna, por não ter cuidado um cão de ouro que lhe fora confiado, para guardar um templo consagrado a Zeus. Quanto ao castigo que lhe foi infligido por todos estes crimes supostos, ele era considerado, na Antigüidade, como particularmente horrendo: ora era um rochedo que perpetuamente ameaçava*

esmagá-lo, ora, consumido pela sede e pela fome, não podia matar a sede nem comer os frutos de um árvore que lhe fugiam quando ele tentava colhê-los. Tântalo sofria o pior dos suplícios: o de não poder agarrar o que desejava.

(SCHMIDT, J. Dicionário de mitologia grega e romana. Lisboa, Edições 70, 1997.)

Suplência? Suplício?

II. Tensionando o olhar

"Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos, o que eles não seriam se não dispusessem da linguagem e da cultura. Portanto, o processo social é um círculo produtivo ininterrupto no qual, de algum modo, os produtos são necessários à produção daquilo que os produz". (MORIN, 1996, p. 182).

"A época, o meio social, o micromundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas – que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apóiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc. Há sempre certo número de idéias diretrizes que emanam dos "luminares" da época, certo número de objetivos que perseguem, certo número de palavras de ordem, etc." (BAKHTIN, 1997, p. 313)



De cenários...

“ As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem Há um labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem.”

(Angel Rama, in “ A cidade das letras”.)

Março de 99.

Já estou lendo sobre Jaboticabal, meu/nosso cenário. Os sobrenomes de peso/os mais conhecidos estão começando a aparecer. Nomes de ruas, de empresas, de ginásios de esportes, de praças e de bustos de bronze que já foram gente. Imigrantes portugueses e italianos. Migrantes mineiros e nordestinos. Stéffanis, Assiratis, Bellodis, Sagulas. Descobri que a família do meu ex-marido é tradicional: são os Sagulas-da-Pneubom. É a história da região escrita em placas de ruas, de inaugurações de obras dos prefeitos-interessados-em-fazer-a-auto-promoção, nos nomes de centros de saúde e de escolas públicas. Digo da região porque nessas leituras estou descobrindo que Jaboticabal já foi muito maior do que é hoje. Faziam parte do seu município o que hoje são cidades quase do tamanho dela tal como Sertãozinho, Monte Alto e Bebedouro.

Nascida em cidade pequena mas criada em cidade grande, portanto com uma visão um tanto cosmopolita, estou nesta cidade há sete anos, e há sete anos venho criticando as coisas que

tenho visto nela - geralmente as coisas erradas, que as certas a gente atribui a esforços pessoais, na tentativa incoerente de tomar a cidade como um ente surgido do nada e despovoada, como se ela não fosse as pessoas que a construíram , a constituíram e se constituíram nela. Agora, lendo sua história, estou me percebendo sensibilizada por um movimento diferente. Tenho uma certa dificuldade nas leituras, na medida que me parecem ser um tanto anacrônicas as análises que faço das situações cujos registros estou lendo , já que estou em 99 e estou lendo textos originários do início do século passado. Mas, como Foucault diz, a história “é o próprio corpo do devir” (FOUCAULT, 1998a, p. 20). Olhar para o hoje não prescinde de olhar para o passado, mas creio que esse exercício deve ser feito cuidando sempre de não procurar uma linearidade e uma continuidade dos processos sociais que o produziram e foram produzidos por ele. Está sendo um exercício difícil, porém necessário para a compreensão de um certo cronotopismo das relações que estou buscando des-tramar.

(O hoje, o ontem no hoje como determinação, como fragmento, como demarcação de território, como re-significação...)

Nova Jaboticabal, bairro de classe média e alta. Rua Gino Bellodi, família rica - usineiros - e tradicional. COHAB I , Av. Da Saudade, rua do cemitério. Av. Clotilde Verri, descendente de imigrantes italianos, cafeicultores, prósperos e poderosos da década de vinte, rua de casas bonitas dos prósperos e poderosos de hoje. CDHU, conjunto habitacional, casas distribuídas por sorteio, seiscentas para quase quatro mil inscritos. Rua Rui Barbosa, do comércio de hoje e do início do século. Zagalo, apelido do bairro mais pobre daqui, cujo nome não conseguem me falar, mas quase posso garantir que deve ser o de uma santa, que dos nomes ilustres que temos seria um que, provavelmente, não voltaria para reclamar o desprestígio.

Passear por Jaboticabal, olhando os nomes das ruas e praças, parando aos pés dos bustos e das estátuas, olhar as fotos dos livros que lhe contam as histórias. Nomes ilustres, fotos escolhidas, datas importantes. E aí me deu vontade de perguntar para o Benedito, um dos nossos alunos da Suplência - “que, se quiser, a dona pode me chamar de Dito”- filho da terra, o que é

que ele sabe da saga dos Bellodi e dos Stéffanis, as duas famílias mais ricas da cidade. “Cana e filtro, dona.” Usina e cerâmica. Grandes empregadores da população da cidade. O Dito tem um sobrenome que eu ainda não conheço. Mora na COHAB III, perto da escola onde faz o curso de Suplência II, o que que dizer que já lê e escreve e, no ano que vem, se quiser, estará indo para a quinta série. Dona Marina também tem um sobrenome, além dos cinqüenta e oito anos, dos quais cinqüenta foram passados na roça catando algodão, amendoim, cana e, ultimamente, goiabas “que só a senhora vendo o tamanho pra acreditar”. Moradora do CDHU (o Conjunto Habitacional “Ulisses Guimarães”), está toda orgulhosa da escola nova que está sendo construída lá e que já foi batizada de “Paulo Freire”, o que creio que vai causar um espanto considerável quando lhes contarmos que não foi nenhum poderoso local, mas sim um professor que olhou com atenção para pessoas como eles, pobres anônimos construtores de cidades e histórias lembradas apenas nos nomes dos ilustres das mesmas. Dia desses estive na escola do CIAF II e a professora veio me falar a respeito de um aluno - Paulo - que não tem documentos e que, por conta de uma passagem de dois meses numa clínica de desintoxicação não sei aonde e de um provável envolvimento com tráfico de drogas, está se pelando de medo de ir pedir segunda via dos documentos. Sua aparência é de dar dó: lábios inchados, pele do rosto em feridas, postura fletida, voz baixa e entrecortada pela desconfiança. Este é um exemplo dos alunos jovens típicos da Suplência, mandados à escola pelo Conselho Tutelar e que se transformam no terror das professoras, quer seja pelo medo, quer pelo desafio que representam. (Mais uma vez, dentre tantas, a professora tentando, desesperada e desesperadamente, dar conta da incompetência e a inabilidade da política social e educacional – cruéis – deste país.)

“Central do Brasil” assistido. Os analfabetos têm rostos, nomes, endereços. Não são uma massa amorfa e inidentificável, se é que essa palavra existe. Estão povoando este país do Rio do sul ao Rio do norte. Desgarrados do chão que não mata a fome e agarrados a uma esperança que os saciados não entendem. (Nós somos professoras de barrigas cheias dando aula para uma gente historicamente faminta.) O grupo de hoje contou que foi assistir ao filme com os alunos: “O som não estava bom, mas tudo bem”. Quem é que não foi ouvido, mas tudo bem ? O filme não é sobre mudos que não precisam ser ouvidos. É sobre quem não lê e não escreve.

E que desafios! Olha só a história: Estrelinha Azul, curso para surdos, casazinho novo. Queriam saber se estavam transando “certo”. Foram perguntar para a professora, ao que a professora responde “sei lá, meu Deus do céu! Isso quem tem que saber são vocês!” E, aí, o convite: “será que a professora não podia ir um dia lá em casa pra ver se a gente está fazendo certo?” Não, gente, ela não foi. Mas eles convidaram! Perguntei à ela se eles não tinham pudor, mas, antes que ela me respondesse, eu já intuía: a compreensão do mundo dessas pessoas é diferente da nossa, ouvintes que somos. O que é vergonha para eles? O que é certo ou errado, para essas pessoas? A moral do ouvinte é a mesma do surdo? Um “filho-da-mãe” falado com a boca bem cheia de raiva terá o mesmo significado do gesticulado?

Jaboticabal. “Yãb-ytic’-abá,” muitas fendas e derrocamentos.

“Parece mais natural admitir-se que à serra se estendera o nome da povoação, cuja existência é já assinalada no início do segundo quartel do século passado, e que esta o recebera do local onde se fundara e do córrego que o banha, o qual também dele recebera a denominação por que ainda hoje é conhecido. À margem deste havia grande número de jabuticabeiras, cuja existência na base da colina onde teve origem a cidade é atestada por velhos moradores.” (BRENHA, 1925)

Estou com o único exemplar original deste livro nas mãos. Tenho ainda outros três livros que contam a história da cidade, mas que são copiões deste aqui. O último é do início da década de 90, mas que fala da história da cidade entre a sua fundação (1828) até 1978, organizado por Clovis Roberto Capalbo. O primeiro é de Amorim Brenha, um português que veio dar com os costados em Jaboticabal no começo deste século. Advogado por formação, no início da década de vinte passou a ser o redator de um jornal da cidade – “O Combate” - função esta que desempenhava concomitantemente à de advogado e de inspetor literário e de ensino. Seu livro

traz de maneira rápida e concisa os quase cem anos de história da cidade, já que é publicado em 1925. Interessante mesmo são os casos que ele recupera e reconta. Fala do povo, de como viviam, seus sustos, suas risadas, seus amores e desamores, de seus filhos legítimos e ilegítimos. Fala de encontros, de desencontros, de chegadas e partidas, de nascimentos festejados e mortes desalentadoras. Fala do povo, enfim. E é engraçado como depois a história só vai ser escrita sobre os fatos ilustres e oficiais. As referências à população e às pessoas passam a ser feitas em termos genéricos: o povo, a população, os moradores, os habitantes etc. Desloca-se o foco da história não-documentada para a documentada. Daí surgem os livros, as estátuas, os nomes de ruas e o anonimato.

Está lá nos livros: João Pinto Ferreira funda Jaboticabal através da doação de parte de suas glebas de terra à Nossa Senhora do Carmo, onde então surgiria o primeiro povoado que mais tarde seria considerado o gérmen da cidade. Pra santa, meu Deus do céu! E quem mais tarde lhe reclamaria a posse? A Igreja. Grande parte da cidade está plantada em terras da Igreja. Sei disso porque quando meu ex-marido foi vender um imóvel que havia herdado, teve que dar uma porcentagem do resultado da venda para ela – o tal do “laudêmio”.

Acho que isso não destoa do resto. Os primeiros-e-mais-famosos moradores da cidade continuam a regular, de alguma forma, a vida dos habitantes daqui. É como se fantasmas continuassem a sugerir códigos de conduta dessas pessoas. Entidades onipotentes, oniscientes e onipresentes no/do cotidiano da cidade a vigiar suas vidas, olhando-os dos topos das estátuas erigidas em lugares democraticamente estratégicos, das placas de ruas, dos nome de bairros, de datas comemorativas e de mais uma porção de lugares/situações que constituem esse dia-a-dia.

Momento cultural: você sabia que Jaboticabal, na década de vinte, já foi:

- o nono município do estado em população?
- o décimo-primeiro em arrecadação?
- o décimo-quinto DO BRASIL em arrecadação, ficando atrás somente de algumas capitais?
- o quarto do estado na agricultura do café?

- o segundo do estado em número de fazendeiros?
- o terceiro do estado e o sexto do Brasil na produção de feijão?

E que entre 1870 e 1920 a população do município saltou de 5.269 para 61.962 habitantes, acusando um crescimento de mais de 1.170%? Na cidade, nesta época, moravam 14.852 pessoas. O último censo informa que hoje vivem na cidade cerca de 67.000 habitantes, o que indica um crescimento de cerca de 450% em mais de setenta anos. Indícios e sinais... Se em Ginzburg eram queijos e vermes, aqui é cana e broca. Coisas – geralmente tidas como insignificadamente pequenas - indiciando, sinalizando outras. Outras coisas, outros fatos. Outros acontecimentos.

Tempo e espaço.

Tempo e espaço são só categorias. Quem as configura somos nós, a nossa vida, que vai imprimindo sentidos que retornam sobre ela e fazem com que esta ganhe sentido também, numa dupla acepção: a de significado e direção.

É na cultura, é nas relações que significamos o “três também pode ser um”

...e relações

"É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, íntegro e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que correspondem às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidentemente, é preciso distinguir e tratar como tais, mas não se deve isolá-los e torná-los não comunicantes. Esse é o apelo para o pensamento multidimensional. Finalmente e, sobretudo, é preciso encontrar o caminho de um pensamento dialógico. O termo dialógico quer dizer que duas lógicas, dois princípios, estão unidos sem que a dualidade se perca nessa unidade: daí vem a idéia de "unidualidade" que propus para certos casos; desse modo, o homem é um ser unidual, totalmente biológico e totalmente cultural a um só tempo. Três também pode ser um. (MORIN, 1996, p. 188)

Oito de março de 99.

Dia internacional da Mulher, que os outros são do homem mesmo e o jargão já é velho, mas não deixa de ser a mais pura expressão do nosso descontentamento em relação à nossa desvantagem histórica. Escola do Jardim Boa Vista. É o primeiro ano que a professora trabalha com a Suplência. Antes disso, só em Educação Infantil e Ensino Fundamental. Alfabetizar, só crianças. Quarenta e três alunos, até aquele dia. Três turmas na mesma classe. No refeitório, os iniciantes e os praticamente iniciantes. Numa sala pequena e abafada, os do Termo II, que são os que já sabem ler e escrever. Duas lousas e uma terceira improvisada com papel dobradura, que a professora usa dois-três dias e depois joga fora. O bairro? Meu Deus! No dia em que fui lá pela primeira vez, a explicação que pedi do caminho resultou na seguinte resposta: "A dona vai pela

Sanbra até o CDHU. Quando a dona achar que acabou a cidade e a miséria, anda mais um pouquinho que é lá”. À noite, quando todos os gatos são pardos e a escuridão mascara a pobreza, ficou mais difícil ainda chegar naquele fim de mundo.

Dizem que em Jaboticabal não tem favela. O que tem é mais espaço que, com um pouco de solidariedade entre os próprios miseráveis, acaba sendo ocupado de um modo um pouco menos desumano. Ali, as coisas funcionam na base do mutirão. Mutirão para construir a casa da dona Maria, a creche, a escola nova, o posto médico, o salão dos festejados forrós e tudo o mais que esse povo, cansado de esperar pela providência do governo e, em último caso, a divina, tomou para si e botou para cima. Mas, vamos à festa.

Bolo embrulhado, Guaraná Cotuba, rosa vermelha com celofane e fita, discurso, foto e homem chorando. Vários. É, esses mesmos que cospem nas ruas, não largam da branquinha e que, quando falam com a gente, dão uma “coçadinha” como numa espécie de alerta freudiano a respeito de nossa desvantagem. Chorando. Na festa das mulheres. “Dona Maria do Carmo, nunca ninguém fez isso pras nossas damas. Isso aqui é o fim do mundo. Só lembram da gente nas eleições e pra fazer volume nos “Viva o Bairro”, que nem aqui chegou ainda.” Acarinhados e agradecidos, no dia seguinte a retribuição: uma sacola de goiabas vermelhas “de comer, que dá pena fazer doce com essas belezuras”, um pote de maionese cheio de doce de abóbora com coco, um saco de limão galego “pra temperar carne, não tem melhor”, e um santinho com a oração da padroeira da cidade, a mesma presenteada com as terras virgens ainda dos sofrimentos daqueles que agora a habitavam.

Não “isso aqui não é o primeiro mundo”(sic) , mas há que ser a prioridade de qualquer governo decente que entenda que não terão mais ruas pra batizá-las com os nomes de seus ilustres se a “turma da Garagem” não se dispuser a asfaltá-las, que o Botinão (o ginásio de esportes que leva o nome do Dr. Alberto Botino, ex-prefeito da cidade) ficará vazio de espectadores e desportistas, restrito apenas à sua absurda arquitetura, inversamente proporcional ao incentivo e oferta de condições de acesso ao nosso povo. Pouca coisa restará aos nobres edis da cidade, senão pararem de inventar os Dias-não-sei-de-quê e as homenagens a ilustres mortos e vivos-não-tão-ilustres-assim, que os seus empregados estão todos aí, para testemunhar-lhes as

mazelas - e muitos deles nas nossas classes de Suplência. Já pensou que trabalhão ter que começar a trabalhar para esse povo? Isso, sim, seria coisa de primeiro mundo.

Fui na unidade do CCI noutro dia. Cheguei pouco antes das sete horas da noite. Os alunos já estavam lá, mas as professoras não. Sete e dez, sete e quinze e nada... A aula começa às sete. Eis que chega uma das professoras. Ficou sem jeito quando me viu, nem falou boa noite: foi logo se justificando: “sabe, Valéria, hoje é sexta feira, as coisas já estão em ritmo de final de semana, a gente está cansada, piriri-pororó.” Em seguida chega um aluno perto de nós para começar a explicar uma confusão armada na porta da escola na noite anterior, que o envolveu e também a uma senhora, aluna da outra classe. Fiquei escutando para entender a situação, prestando atenção no encaminhamento dado pela professora. O entrevero tinha sido entre ele, cuja idade girava em torno dos quinze anos, e uma senhora de seus quarenta e poucos anos. Os ouvidos da professora não estavam para nada além do despropósito da situação: “Onde é que já se viu um moleque da sua idade desrespeitar esta senhora? Isso não pode acontecer!” Cada vez que o menino tentava se defender, a ladainha era a mesma. A senhora em questão mantinha um semi-sorriso silencioso, esperta que deve ser, pois já tinha entendido que não importava quem tivesse razão, o quesito-desempate seria o da idade, como se esta atribuísse às pessoas uma espécie de “imunidade”. Resolvi interferir, que aquilo já estava virando um saco de gatos, apelando para o velho discurso do “na escola a gente tem que deixar as diferenças de lado, blá-blá-blá, blá-blá-bla”, porque o negócio, naquele momento, era botar a turma para dentro e deixar a coisa esfriar. Eis, então, que surge do meio do mato (e não é figurativamente que eu estou falando, não, que lá o mato é alto mesmo) a nossa Secretária da Educação. Achando que o caldo era muito, resolveu botar a colher dela também. E que colher. “ Sabe quem é que manda aqui? É a professora! Sabe quem é que manda na professora? É a coordenadora! É a dona Valéria! Sabe quem manda na dona Valéria? Hein? Hein? Sou eu! Eu sou a chefe maior” - e fazia ASSIM com os braços, ó! Enquanto isso, a outra professora também chegava atrasada. Silêncio. O poder silencia. Por fora.

Onze de abril de 99.

Missa para surdos. Chorei, sim. Naquela parte onde os fiéis fazem um pedido ou um agradecimento e a gente responde “Senhor, escutai a nossa prece”. Eles iam lá na frente e pediram coisas do tipo “faça com que meus amigos aprendam a se comunicar comigo”, “cuida da minha filha, que fica em casa para eu sair para trabalhar e estudar”, “cura meu pai, que tem pedras nos rins “, “faça com que eu não tenha preguiça para trabalhar”. Fiquei lá no fundo de uma capela, por sinal um dos patrimônios históricos de Jaboticabal, do lado da Escola de Artes, e na frente do único museu da cidade. Este conjunto de prédios conta muito da história da cidade. A capela é belíssima! Lugar e clima propício para algumas reflexões. Ladeada pela história e fazendo história. Uma missa para surdos com um padre importado de Campinas, que aqui não tem nenhum que se habilite a aprender a língua de sinais. Vale contar uma visita na escola deles, nesta semana. Segunda-feira, cinco de abril, lá vou eu para a “Estrelinha Azul”*(Nome mais esquisito, mas que parece anunciar a concepção que se tem dos alunos que estudam ali: fora do mundo. Exclusão. No diminutivo: coisa pequena, sem importância.) Eles estavam preparando a tal da missa. Quando me viram chegando, começaram a discutir qual seria, afinal, o sinal que me identificaria. Não chegaram a conclusão nenhuma, e eu fiquei por ali, comentando com a professora que surdo, aqui em Jaboticabal não tinha alternativa: tinha que ser católico. Isto porque na escola se catequizava em catoliquês. Mas aí, o drama: no sábado anterior ao domingo da missa, eles iriam se confessar para poderem comungar. E os pecados? Como explicar o que é pecado para eles? Lá ia então a professora pondo uma lista de pecados na lousa e explicando um por um, do jeito que podia e entendia (Quanto conhecimento pra ser compartilhado: a gente nessa onda de inclusão e essas professoras, talvez das poucas da cidade que trabalham com surdos através da língua de sinais, não têm nem tempo pra compartilhar esse conhecimento num trabalho com as professoras arrebatadas pela tal onda...). Pecados de ouvintes. Conceitos construídos por ouvintes, imersos numa moral de/para ouvintes. Para surdos. Ser maldoso. Meia hora pra explicar “maldade” e “ser maldoso”. Outro tanto para falar sobre a fofoca. Um surdo fofoqueiro, sem as nuances da voz que anunciam o proibido, o secreto, que investiga a receptividade. Mas aí eu fiquei intrigada com uma coisa: será que essas professoras não estão fazendo o que todas as

outras deveriam, ao alfabetizar, isto é, trabalhar com as palavras tendo a noção de que elas carregam consigo conceitos? Que elas falam de coisas, mas que *coisas* continuam sendo *coisas* e só influenciam/constituem as pessoas quando revelam seu potencial de sentido, quando tornam-se palavras, quando participam de um contexto virtual do sentido verbal (BAKHTIN, 1997). Alfabetizar, tendo essa compreensão elaborada e sempre em vista, dá mais trabalho, mas muito mais sentido a muitos dos sentidos possíveis da alfabetização.

** (Outubro de 00 - Fui atrás da origem do nome da tal escola. Ela foi fundada na década de 70 e batizada por uma senhora que parece que estudava holística. O nome remete ao símbolo da escola – ou vice-versa – que é uma estrela pentagonal – que remete ao espaço -, de cor azul, que seria a cor da tranquilidade. Saber da origem do nome da escola me dá uma outra leitura, não uma outra análise. Se a história do mesmo não justifica, indicia alguma coisa...)*

Uma coisa parece estar criando corpo entre as minhas dúvidas e reflexões. Tenho conversado bastante com as professoras dos surdos. Nos seus relatos, tem aparecido com uma força considerável o envolvimento delas com os alunos. Elas conhecem todos, sabem falar da vida de cada um. De uma certa maneira a surdez deles os marginaliza e elas são uma espécie de ponte entre eles. E as outras professoras? Elas conhecem seus alunos? Solidarizam-se – e a que ponto – com a exclusão que vivenciam e que caracteriza a sua história? De que maneira? Que tipo de interesse nutrem por eles? Que tipo de relações estabelecem dentro da sala de aula?

Primeiro de julho de 99.

Festa da Suplência. Todo mundo e o seu Ernesto, que não rima mas toca sanfona que é uma beleza! Eu cheguei e a Maria do Carmo B. já estava lá, toda atarantada com os sanduíches conseguidos a duras penas junto à dona e sub-dona da merenda da Prefeitura. O negócio era de balde: de leite, de refrigerante, de salsicha, pipoca, amendoim e mais os etc que iam chegando pelas mãos dos alunos e que iam passando pelo teste de qualidade da Maria José, que deve ser magra é de ruindade! pois come tudo que vê na frente! Esperávamos perto de duzentas pessoas: vieram quase trezentas.

Timidamente, os alunos iam chegando e dando uma vista d'olhos pelo salão em busca de suas respectivas professoras. E iam ficando lá fora. Na cozinha, esmerávamos nos baldes: uma no fogão, uma no caldeirão, a outra no facão, outra ainda no latão e tem que rimar mesmo, que é quase uma música quando a gente trabalha sintonizado, querendo as mesmas coisas, que, no caso, era a mesa farta e fartos os alunos. Mesa posta e música idem, passamos a arrebanhar os envergonhados para o salão, que o conjunto tinha que ser prestigiado, pois, afinal de contas os oitenta contos que o sanfoneiro quis para fazer o baile tinham que ser bem dançados. Mara – a professora que também é radialista – rouba o microfone e, em conluio com a Sid, chama o povo para uma quadrilha improvisada. A adesão é maciça. Meia hora depois, os mais encabulados já estavam dançando forró com os surdos. E isso foi até as dez da noite. Como era uma quinta-feira, no dia seguinte todos trabalharíamos. Nas despedidas, eles já queriam marcar o próximo, que este foi de arrasar, dona Valéria! Conversa pra duas semanas. Pelas unidades que eu andei, não se falou noutra coisa. Chão de escola também pode dar baile. E vice-versa.

Onze de abril de 99.

O Tales foi encontrado morto. Dez anos. Morto. Baleado. Ainda não sei o porquê. Morto. Dez anos. Baleado. Ele e mais dois amigos mais ou menos da mesma idade. Baleados. Mortos. No meio do mato, perto do Magnun Motel. Hoje de manhã. Domingo de sol e vento fresco. O filho de um casal amigo. Quando as coisas acontecem com gente que conhecemos, o significado é outro. Pela televisão, seria lamentável. Neste caso, é trágico. Conhecer faz diferença.

Treze de abril de 99.

Jaboticabal à noite. Jaboticabal de luto. Nas vitrines das lojas, pedaços de tecido negro. Nas portas das escolas, faixas com dizeres traduzindo o repúdio, o inconformismo, o medo, a inquietação. Nos rostos dos desconhecidos, a desconfiança. Nos rostos conhecidos, a dor e a

apreensão. As noites estão mais silenciosas. Mais perigosas. Os dias, mais curtos para tantos comentários. Da sacada do meu apartamento, eu vejo quase toda a cidade. Tensa e enlutada.

Deu no rádio. Deu na televisão. Deu no coração de todo mundo uma baita dor. Os filhos da terra sendo assassinados. A violência se avizinando. Essa mesma, das manchetes de jornal, virando frases doloridas nas fachadas de nossas casas, lojas e escolas. As passeatas acolhendo gente de todos os cantos da cidade, que indignação não escolhe peito para se instalar.

Os alunos da Suplência comentando a tragédia, coloriam os fatos como todo mundo, especulando sobre todas as possibilidades. “Tem gente graúda metida nisso” É recorrente o comentário de que o que foi noticiado sobre a prisão do homicida nada mais é do que uma cortina de fumaça para que a população deixe a polícia trabalhar em paz, sem a cobrança de uma solução. Como se prender o(s) assassino(s) extinguisse essa sensação de vácuo que fica sempre depois de acontecidos como esse.

Cinco de abril de 99.

Boa Vista. O homem levou vários segundos até encontrar a palavra, enquanto apontava para uma depressão no crânio, perto da testa, do lado esquerdo: “Carreta! *Carreta!* “ Caiu da carreta, Tião? “Caiu! Caiu! Na linha! Na linha!” Na estrada, Tião? “Na estrada! Na estrada!” Cortador de cana, Tião sofria com o transporte mais comumente usado para levar os bóias-frias para as lavouras de cana: caminhões com a carroceria mal e porcamente adaptadas, onde, amontoados como animais, seguem para o trabalho homens, mulheres, velhos e jovens, facões, embornais, marmitas, não necessariamente nessa ordem de importância. Carreta virada, entre mortos e feridos, salvaram-se todos e o Tião ficou assim, pegando a cadeirinha todo o dia e pondo na porta da escola e não deixa ninguém entrar porque anda meio capengando e mal consegue falar, fazendo com que um misto de dó e medo afaste as pessoas estranhas ao ambiente.

Cana e fagulha, álcool e cachaça, Mercedes e carretas. Se o dono da usina tivesse virado a sua Mercedes e ficado afásico, o jatinho da usina teria ido buscar algum neurolingüísta famoso para tratá-lo. O Tião fica é de guarda no banquinho do Boa Vista, guardando a entrada pra que a

miséria lá de fora não macule o sonho de que, através do estudo, no próximo acidente eles talvez estejam acomodados numa Belina/70.

ESTE É MEU PAÍS

DE REPENTE UMA TRISTEZA
VEM NO CORAÇÃO
MUITA TERRA, POUCOS DONOS
E O RESTO SEM CHÃO
QUANDO A FOME BATE À PORTA
PERDE A RAZÃO.
O CHAMADO IGNORANTE
ESTÁ NA PRISÃO

MAS O POVO DESTA TERRA
SOFRE, CHORA E NÃO FAZ GUERRA
SÓ A DEUS, QUE ESTÁ NO CÉU,
PEDE A PROTEÇÃO

BIS

TERRA, Ó MINHA TERRA,
ÉS O SANGUE EM MINHAS VEIAS,
CORAÇÃO QUEM DIZ.
TERRA, QUERIDA TERRA,
ÉS MEU BERÇO, MINHA PÁTRIA,
ESTE É MEU PAÍS.

VEM A TECNOLOGIA
NOS TRAZENDO EVOLUÇÃO
VEM ROMPENDO, A CADA DIA,
O TRABALHO DO ARTEZÃO.
MAQUINÁRIOS VENCEM O HOMEM
NA EMPRESA E NO SERTÃO.
E O POBRE PASSA FOME
DIANTE DA EXCLUSÃO

MAS O POVO DESTA TERRA
SOFRE, CHORA E NÃO FAZ GUERRA
SÓ A DEUS, QUE ESTÁ NO CÉU,
PEDE A PROTEÇÃO

BIS

TERRA, Ó MINHA TERRA,

ÉS O SANGUE EM MINHAS VEIAS,
CORAÇÃO QUEM DIZ.
TERRA, QUERIDA TERRA
ÉS MEU BERÇO, MINHA PÁTRIA,
ESTE É MEU PAÍS.

COMPOSIÇÃO: CARLOS BENTO (ex- aluno da Suplência)

Foi assim mesmo que ele me entregou o texto. Em letras maiúsculas. Maiúsculo misto de orgulho e indignação. Quando a apresentou, tocando violão e cantando numa festa da turma que está atualmente – Programa Integrar: supletivo de 5ª à 8ª séries, mantido por um convênio entre a Prefeitura e a CUT e CNM – foi aplaudido maiúsculamente: em pé e aos brados. Parabéns, Carlos.

III. Form(ação) de professoras?

"O mundo que conhecemos, sem nós, não é mundo, conosco é mundo. Daí deriva o paradoxo fundamental: nosso mundo faz parte de nossa visão de mundo, a qual faz parte de nosso mundo. A visão chamada de objetiva, que exclui o observador-conceptor do objeto observado-concebido, é metafísica no sentido mais abstrato do termo. O conhecimento não pode ser o reflexo do mundo, é um diálogo em devir entre nós e o universo. Nosso mundo real é aquele cuja desordem nunca poderá ser eliminada e de onde ele não poderá jamais se eliminar a si mesmo. Isso não quer dizer que estejamos fechados num solipsismo irremediável. Isso quer dizer que nosso conhecimento é subjetivo/objetivo, que pode assimilar os fenômenos ao combinar os princípios do tetragrama ordem/desordem/interação/organização, mas que continua sendo uma incerteza insondável quanto à natureza desse mundo."(MORIN, 1996, p. 223).

“Na entrada da rua Chamade e de rua Suspérdar velhas correntes impedem o acesso de carros. As senhoras de preto que vêm passear seus cachorros deslizam sob as arcadas, rente às paredes. Raramente avançam até a plena claridade, mas de soslaio dirigem olhares de mocinhas, furtivos e satisfeitos, à estátua de Gustave Impétraz. Não devem saber o nome desse gigante de bronze, mas perceberem, por sua sobrecasaca e sua cartola, que foi alguém da alta sociedade. Ele segura o chapéu com a mão esquerda e está com a mão direita pousada sobre uma pilha de in-fólios: é um como se seus avós estivessem ali, sobre esse soclo, moldado em bronze. Elas não têm necessidade de olhá-lo por muito tempo para compreender que ele pensava como elas, sobre todos os assuntos. Ele colocou sua autoridade e a imensa erudição adquiridas nos in-fólios que sua mão pesada comprime, a serviço das estreitas e sólidas ideiazinhas delas. As senhoras de preto se sentem aliviadas, podem se dedicar tranqüilamente aos cuidados da casa, passear seus cachorros: já não têm a responsabilidade de defender as santas idéias, as boas idéias que seus pais lhes legaram; um homem de bronze se tornou guardião delas.”

(J-P. Sartre, in “A náusea”)

Quanta coisa já pensei a respeito dessa passagem! Fico imaginando quem ou o quê seria essa figura na vida de nós, professoras.

O guardião das nossas intenções.

É um verdadeiro exército de idéias.

Dos livros que lemos ou não – nem sei se ainda ou jamais.

De cursos que fomos ou não.

Das músicas que cantamos ou não.

Dos vinte anos de sala de aula ou não.

Dos casamentos ou não.

Dos filhos ou não.

Das poesias ou não.

Das obras de arte ou não.

Das colegas ou não.

Isso é que é horizonte de possibilidades, Wanderley?

E qual é o horizonte do Sol?

Vinte e um de maio de 99

“Olha, na verdade isto aqui foi mais pra ver se elas se dispõem a mudar um pouco, mais pra ver se elas perdem o medo da mudança, da transformação”. Conversa encerrada, pois depois dessa preciosidade perdi a vontade de prolongá-la. Deixa que eu explico, se é que eu entendi. Acabáramos de ouvir um palestrante do “Projeto Cultural Prometheus”, um pacote de conferências comprado pela prefeitura, que “é pra ver se abre um pouco a cabeça dessa mulherada”(sic) e que acontece mensalmente no auditório aqui do campus da Unesp para uma platéia formada por nós, professoras da Rede, carinhosamente convidadas e-vamos-mesmo-que-isso-dá-certificado. O tema era “A contribuição de Hermes e Dionísio para a educação”, como se em somente três horas se pudesse fazer essa ligação - mitologia e sala de aula – sem se correr sérios riscos de um reducionismo absurdo. A conferência tinha sido interessante, mas exigia um certo conhecimento sobre o que vem a ser Mitologia, suas origens e abrangências, o que a platéia não garantia. Em dez minutos o conferencista achou que tinha dado conta desse recado, e partiu com tudo para uma seqüência de incestos, degolamentos, orgias, estupros e outras “cositas” mais que foram deixando a platéia silenciosa, com ares que variavam entre a parvoíce e a indignação. Fiquei me lembrando que, só para entender o porquê de uma terapeuta ter me chamado de “minha linda Perséfone,” fiquei bem alguns meses pesquisando em livros de mitologia a tal da deusa e ainda não consegui relacioná-la à minha pessoa, tantas são as versões e interpretações que só este mito tem. Calculas, então, o estrago, quando ele enfim chegou ao dois deuses já citados. Nunca vi tanto atalho e tanto exemplo! No intervalo, o cara tomou café foi com a esposa, que você acha que alguém queria correr o risco de ficar perto dele? vai que ele pergunta alguma coisa... Pico de Ibope foi quando ele começou a relacionar os elementais com os signos do Zodíaco. “Se você é de gêmeos, teu signo é do ar, você é louca pela informação, pelo conhecimento, quando você vai comprar uma casa o que você olha é tarará-tará; quando você vai escolher o marido você

prefere o piriri-pororó e coisa e tal” e aí a platéia delirou porque ele parou de delirar e começou a falar da vida da gente que a gente confere todos os dias no horóscopo do jornal antes de sair de casa, que é só por curiosidade mas, pelo sim, pelo não, não custa dar uma olhadinha que cautela e canja de galinha não fazem mal à ninguém e vai que o Antônio Fagundes lê no seu mapa astral que a cara metade dele mora aqui em Jaboticabal e o meu horóscopo do dia diz que os “astros” estarão à meu favor...Grandes chances!..Mas, voltando à vaca fria, o tempo da palestra acabando, e o tal fazendo uma ginástica danada pra ver se conseguia fazer a tal da relação dos tais deuses e a Educação. Aplausos garantindo algum sucesso, lá fui eu perguntar-lhe ao pé d’orelha duas questõezinhas básicas e, ao tentar fundamentá-las, discorri um pouco sobre meus parcos estudos, não sem um certo ar de sabedoria que minha expressão de eu-acho-que-sei-do-que-se-trata já tentara garantir toda vez que ele olhava para mim durante a palestra. Por duas ou três vezes ele caiu em contradição ao tentar definir o arquétipo dionisíaco, e eu o interpelei sobre isso porque ficara com dúvidas a esse respeito. Longe de tentar se/me explicar, veio com a “pérola” com a qual iniciei este relato.

Vinte e oito de junho de 99.

Mais um mega-encontro. Mais um mega-show. Desta vez para nos colocar diante da imensidão do universo e fazer-nos perguntas sobre o nosso papel nele. Legitimado por um currículo impressionante – que vai desde a graduação em Física até editor de programa educativo na tv, passando por guia de passeios para observação do nosso céu-azul-varonil -, o palestrante parecia uma verdadeira onomatopéia encarnada: o encontro entre Hércules e o leão tinha como fundo musical o tema de Love Story; estrelas em expansão faziam um ruído que lembrava alguém chafurdando num tonel de mel; átomos de hélio e hidrogênio se fundindo produziam sons parecidos com bombinha “de cem” estourando dentro de lata. E a encenação, então, nem se fala! A Medusa foi retratada como uma grande porção de espaguete sendo eletrocutada. Perseu – pobre Perseu! - caricaturado como um gay de sandálias com asinhas. Andrômeda, amarrada aos recifes, enquanto se deformava em caretas, ia gritando “não!” em grego arcaico/antigo, mais parecendo estar engasgada com mingau de aveia.

(e o único som que a platéia emitia era o das gargalhadas)

Fim do primeiro ato.

Lá fui eu perguntar ao professor se a dinâmica dele mudava quando a assistência era constituída por professores. “É claro que sim - foi a resposta -, pois professor é muito sensível, então eu procuro trabalhar com a sensibilidade dele.”

A palestra foi interessante. E se tudo o que ele disse é verdade, aprendi um bocado de coisas a respeito da formação do universo. Se não, resta-me o consolo de ter inaugurado a semana rindo à beça.

No segundo ato, o rapaz, que ainda por cima pôde ser chamado de um rapagão pelas balzaquianas presentes, parece que resolveu brincar menos e emocionar mais. Fácil: o clima já havia sido estrategicamente articulado. Alguém aqui acha que depois de fazer com que todas nós ríssemos às baldas e ficássemos nos dizendo nossa! mas ele não é demais? seria muito difícil que, entre um suspensezinho aqui e outro acolá e um grand finale devidamente ensaiado e testado em outras paragens, não deixaríamos escapar uma lágrima nem-tão-furtiva-assim, que é pra nos irmanarmos no sofrimento?

O episódio foi este. Ou melhor: esta foi a minha escuta do episódio.

A impressão que o homem deixou foi a de que tudo foi ótimo, que encontros como esse são sensacionais, que assim vale a pena, e todo mundo foi para casa muito satisfeito sem achar que tinha perdido seu tempo, se bem que qualquer coisa, nessa altura do esgotamento, é melhor do que estar na sala de aula.

Seis de agosto de 99.

A palestrante de hoje é professora de História da Arte, tem sessenta anos, vai ser avó nesta semana, fala várias línguas, conhece praticamente o mundo todo, ciceroneia grupos de brasileiros em viagens culturais internacionais e adora avião. Há um ano ela esteve aqui falando para uma platéia de professores da rede municipal e estadual sobre a mulher através dos tempos. Um celular tocava insistentemente dentro de alguma bolsa desavisada da solenidade do encontro e ela falava lá de cima do palco que se for pra mim, diga que eu não estou! E lá se ia a dona do celular,

correndo para fora do auditório, a remendar sua gafe sob centenas de olhos divertidos e o burburinho da assistência. Depois da quarta ou quinta chamada do indiscreto aparelho, a senhora se irritou, chamou-nos de maleducadas e encerrou a palestra alegando que estava atrasada para tomar o avião que iria levá-la de volta à civilização. Entre não entender muito a fala da tal professora e não gostar da sua atitude diante de nós-que-andamos-de-moto-táxi-mesmo, a avaliação do encontro ficou entre **D** e **E**: **D** de “Dá-pra-acreditar?que-mulher-chata!” e **E** de “Eu, hein?!vai-ser-esnobe-assim-noutra-freguesia!!”

Mas o pacote cultural é o mesmo do ano passado e ela voltou neste ano. Brasileiro pode ter memória curta (sic informalmente), mas as professoras daqui parece que não têm não: tinha gente combinando de dar um jeito de fazer vários celulares tocarem durante a palestra, inclusive para pedir moto-táxi. Essa era a disposição do público daquela dia. Esse era o nosso projeto de ouvir a tal palestra. O projeto de dizer da palestrante deve ter ficado em forma de um canudinho de papel, que ela ficou o tempo todo torcendo e retorcendo com as mãos, enquanto falava.

E falou, falou, falou. Contou, contou, contou. De viagens, viagens, viagens. Para a Holanda, Inglaterra, França, Estados Unidos, Oriente, Egito etc. Que conheceu o tal museu, viu de perto o tal quadro, visitou tal patrimônio histórico. E nada de Louvre, Picasso ou Roma ou qualquer referências à coisas desse gênero, que, nem que fosse só de ouvir falar, nós, esta turba ignara, conhecemos. A predileção dela tinha requintes que, segundo ela própria, somente anos e anos do que ela chamou de “refinamento gradual de seu paladar artístico” pôde lhe proporcionar. Entre uma viagem e outra ela falava sobre o Brasil, mas o seu tom parecia sempre ser de comiseração. Enquanto isso, ela ia desfiando a lista dos não-pode e dos não-deve das professoras: professora não pode ler porcária, e a lista ia da "Caras", da "Cláudia" até os livros de auto-ajuda, passando por um número quase sem fim do que ela chamou de "literatura de terceiro mundo". Professora não pode assistir nada que não esteja entre um Bergman ou um Kurosawa e homem mesmo é o Wood Allen: horroroso, mas um gênio! Esqueçam dos Richard Geere! Julia Roberts não é modelo de mulher coisa nenhuma: é bonitinha, mas deve ser ordinária. Televisão? Nem pensar! Estamos proibidas de rir do Renato Aragão: morra, mas não ria! Novelas? Pura alienação! Professora que se preza nem conhece os nomes dos artistas da das oito.

E o que víamos, enquanto isso? Víamos o nosso jeito de ser e estar no mundo ser comparado a lixo. Acontece que co'a mulher não tinha meio termo: no lugar de "Caras",

"Bundas"- nem que fosse ao preço de sermos taxadas de pornográficas. Imagina a manchete: *Professoras da Rede Municipal de Educação de Jaboticabal assumem a predileção por bundas!* No lugar de "Uma linda mulher", "Ponto de mutação". É quase a mesma coisa que trocar uma voltinha no shopping por uma leitura dos "Sermões" do Vieira: diversão garantida! Gostar de galã? Nem pensar! Homem bonito deve seguir a lógica da loira burra. Bons mesmos são os feios, que para compensar o despropósito da embalagem, costumam exagerar no desempenho físico e intelectual. Nada que as matinês confirmem, mas em todo caso... E a cada investida contra as nossas predileções, a platéia se ajeitava na cadeira, olhava pros lados procurando nos rostos conhecidos a cumplicidade e o consolo.

No meio da platéia tinha uma pesquisadora

Tinha uma pesquisadora no meio da platéia.

Tinha eu, que ultimamente-não-tão-ultimamente-assim, ando me enchendo de brios quando o assunto é professora. Levantei a mãozinha, bem menos timidamente que em outras ocasiões, pois há de servir pr'alguma coisa - por exemplo - as oitocentas e tantas páginas do "Finitude e transcendência" - que não só me pesar na bolsa e me deixar meio assustada diante da minha ignorância. Ao que a senhora reage e fala "olha, gente! A moça ali tá querendo perguntar alguma coisa". Todo mundo olhou pra trás, pois pelo sim pelo não e vai que a palestra é um porre, mas não vale a pena discutir, eu havia me sentado na última fileira do salão, na cadeira mais perto da porta. Ao que eu falo que não queria perguntar nada não, mas a senhora me dá licença de falar uma coisinha? E a mulher se veio com o microfone pro meu lado. Acontece que era daqueles microfones de bolinha, que se adaptam à cabeça do falante, e não teve jeito: a confusão estava armada! Primeiro ela queria ficar de rostinho grudadinho ao meu, mas eu não quis. Depois ela queria tirar o tal microfone da cabeça dela e colocar na minha. Eu não quis. Depois ela queria que eu fosse lá na frente pra todos poderem me ver/ouvir melhor. Eu não quis. E aí o gancho: dona fulana, eu vou mesmo é falar daqui onde estou e com a força da minha voz porque é justamente disso que eu queria falar. E aí eu reproduzo algumas anotações que fui fazendo enquanto ela insinuava a merda que éramos de tanto que falou que o que a gente fazia/era coisas que não devíamos fazer/ser.

Anotações: a gente lê "Caras" sim, quando tem grana pra ir ao cabelereiro e a revista tá lá, pra gente sonhar com a fartura da vida alheia, com os pisos de mármore nos banheiros famosos,

enquanto a manicure tenta disfarçar o vermelhão da cera que usamos no chão das nossas casas. A gente não lê "Bundas" não, porque aí sim, as pessoas vão sair dizendo que a gente lê pornografia. Não temos videoteca particular, quanto mais de filmes da envergadura cultural de Bergman e Allen. Quando dá pra ir ao cinema, vamos atrás de belezuras: de homens, mulheres e finais felizes, o que não quer dizer que a leitura desses filminhos não possam ser feitas com olhar de sociólogas, filósofas, educadoras, que a vida da gente nos ensina coisas que ainda estão pra serem escritas. Não podemos assistir ao Canal Brasil, porque não temos tv a cabo: nosso salário tá duro pro mix da cozinha, que dirá pro cultural. Não podemos ir à Bienal: a gente trabalha dois/três períodos do dia e não somos dispensadas para tanto, apesar da tal da formação ser cobrada, mas não facilitada. Com isso que estou dizendo, não estou querendo fazer apologia à porcaria nenhuma. A gente até sabe o que é bom, nem que seja só de ouvir dizer. O que é custoso é o acesso: custa tempo, custa dinheiro, boa vontade - e não só nossa - disposição, estudo, e outras coisas que o nosso batidão não dá chances da gente conseguir. Pra não encompridar muito a conversa, o que eu gostaria é de deixar pra pensar essa questão: sem negar o que a gente é e o que a gente faz, com o que temos e somos, o que é que dá pra gente fazer?

Falar a verdade, nem me lembro direito do que foi que ela falou depois disso, porque fiquei curtindo as mãos suadas e o fato de ter sido aplaudida por ter vomitado o sapo, mas quem cronometrou diz que em menos de cinco minutos ele já estava anunciando o atraso e a partida. De avião outra vez. Dei uma corridinha até ela e ela foi logo dizendo que não tinha me deixado continuar a falar pois achou que o fato de eu ter sido aplaudida pelas colegas tinha sido muito perigoso, pois endossava o não-pode-mas-a-gente-é. Tentei explicar que o que eu quis dizer é que não dá pra gente negar o que somos e que se nos propomos o movimento de transformação, precisamos, antes, nos re-conhecer. Mas ela estava atrasada. Deu-me uns tapinhas nas costas, daqueles que substituem o "coitadinha", e foi-se. Acredito que está fora do próximo do pacote. Este embrulho deve ter sido suficiente.

Os comentários? Foram muitos. Mas eu os resumiria com apenas um: é isso aí, Valéria!

(Relendo os textos anteriores)

Show de informações. Mega-encontros. Sensibilidade. “Caras” e “Bundas”. Transformação. Formação. Quanto as informações que são oferecidas nesses momentos, dessa maneira, quase como flashes, instantâneos e pontuais, nos atravessa e nos (trans)forma? Quanto os polpidos currículos dos conferencistas-palestrantes-formadores - anunciados na abertura dos encontros e nos folhetos que os divulgam - nos silenciam e nos expropriam das nossas dúvidas como possibilidade de elaborarmos melhor o conhecimento? Quanto somos subtraídas dessas possibilidades quando da descontinuidade de algumas relações possíveis nos projetos de formação?

No conjunto de iniciativas das Secretarias de Educação, na tentativa de encarar um projeto de formação continuada, por que a manutenção dessas práticas e investimentos – palestras, conferências, semanas pedagógicas etc? A que processos de formação continuada estamos sendo expostas e em que processos estamos nos constituindo? Numa concepção de “formar” que contemple a transformação, o que fazer/dizer frente a esses investimentos?

(Trans)(in)formar. A mulher-professora e seu trabalho sendo pensados e ditos por/nesses cursos. Modos de pensar e dizer que trazem consigo marcas da hierarquização dos saberes, que vão evidenciando e dando a ver o lugar de onde a mulher-professora e seu trabalho são ditos. Na voz de também uma mulher-professora – a professora de História das Artes – nós outras somos negadas como sendo capazes de conhecer, de interpretar saberes e lazeres. Nisso transparece um processo cruel de “demonstração” da nossa incompetência em sabermos lidar com aquilo que somos e sabemos. Pior: parece querer dizer que somos incompetentes naquilo que somos e sabemos. Como somos expropriadas dos nossos conhecimentos e interpretações... Fico pensando em como, no fundo, todo esse processo de hierarquização dos saberes vai se materializando nos processos de formação, naquilo que se diz que é processo de formação...

IV. " Como é? Já mudou o método?"

método. [Do gr. *méthodos*; caminho para chegar a um fim.] s.m. 1. Caminho pelo qual se atinge um objetivo. 2. Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado. 3. Processo ou técnica de ensino: método direto. 4. Modo de proceder; maneira de agir; meio. 5. v. meio. 6. Tratado elementar. 7. Fig. Prudência, circunspeção; modo judicioso de proceder; ordem.

Dicionário Aurélio

"Perguntas e respostas não pertencem a uma mesma relação (categoria) lógica; não podem ser contidas numa única e mesma consciência (única e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma exotopia recíproca. Se a resposta não dá origem a uma nova pergunta, separa-se do diálogo e junta-se a um sistema cognitivo, impessoal em sua essência". (BAKHTIN, 1997, p.411).

"O método da complexidade pede para pensarmos nos conceitos, sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esquecermos as totalidades integradoras". (MORIN, 1996, p.192).

Março de 00.

Lagoa

*Eu não vi o mar.
Não sei se o mar é bonito,
não sei se ele é bravo.
O mar não importa.*

*Eu vi a lagoa.
A lagoa, sim.
A lagoa é grande
e calma também*

*Na chuva de cores
da tarde que explode
a lagoa brilha
a lagoa se pinta
de todas as cores.
Eu não vi o mar.
Eu vi a lagoa...*

(Carlos Drummond de Andrade)

Não se incomodem com a data: ela não quer dizer muita coisa. A incumbência, sim. A tarefa agora é esclarecer, mesmo que à Leminski (“*tudo claro / ainda não era o dia / era apenas o raio*”) o que venho entendendo por método no decorrer da antes leve e , atualmente, árdua materialização deste trabalho. Tive que olhar pra rabeira do trabalho inteiro, e leia-se aí de um, tudo: escritos, leituras e impressões; intuições, certezas – poucas! – e incertezas – incontáveis!

Sugestões histórica e academicamente legítimas e outras nem tanto. Li poesia. Li dicionário. E dicionário etimológico (pois se as palavras nos constituem, compreender-lhes a formação, a configuração, sua historicidade, sua re-significação através dos tempos e dos usos que tiveram é nos compreender melhor). E literatura. Fui desempoeirando a palavra e a gravidade que costuma precedê-la e envolvê-la. Nada de muito profundo, confesso, pois me faltava – e ainda falta – competência e tempo para tanto, mas segui intuindo que deveria buscá-la nos discursos que a vem constituindo. Lembrava-me dos tempos de magistério, onde disciplinas como metodologia-do-não-sei-do-quê-não-sei-das-quantas tinha era de monte durante os quatro anos do curso, mas ninguém se lembrava de falar que “metodologia” vinha de “método” e que “método” vinha do grego, e o que, afinal, isso tudo poderia significar em termos de construção histórica da concepção da já promissora bananosa, que é o tal do “o que é método”.

Acontece que meu anjo da guarda deve andar profundamente comovido com a minha exaustão e providenciou-me um impulso que incidiu diretamente sobre duas coisas atualmente muito relevantes para mim: minha conta bancária e este trabalho. Já conto. Em flashes, pra ser mais rápida. Seminário de educação do PT. Eu, de recepcionista. Banca de livros como sempre. Eu “varejando” e sem grana. Folheando muitos. Me encantando com alguns. “Por que ler os clássicos” do Calvino. Cheque-pré pra mais de mês. Iniciando a leitura. Constatação do abismo entre a minha biblioteca e a do Mindlin. Opção pela teimosia: vou lendo que alguma coisa há que se fazer compreensível. Texto “Cyrano na Lua”. Trecho:

“Os sistemas para ir à Lua já oferecem uma amostragem da inventividade cyranesca: o patriarca Enoch amarra sob as axilas dois vasos cheios de fumaça de um sacrifício que deve subir ao céu; o profeta Elias realizou a mesma viagem instalando-se numa pequena embarcação de ferro e lançando para o ar uma bola imantada; quando ele, Cyrano, tendo untado com unguento à base de miolo de boi as amassaduras resultantes das tentativas precedentes, sentiu-se erguido na direção do satélite, porque a Lua costuma sugar o miolo dos animais.”
(CALVINO, 1998, p.98).

Cada um vai à Lua como pode e como acredita ser possível. Até o advento da Apolo 11. E tem gente que não acredita que isto aconteceu.

Das tantas Luas que temos que visitar no trabalho como professoras, o quê e como pensamos quando acreditamos estar optando pelos caminhos e maneiras que nos possam levar até

elas? Que tipo de relação estabelecemos com estas opções? Fiquei pensando num tipo de relação: a de confiança. Na sala de aula há coisas a serem feitas. Independentemente do que dá consistência à nossa opção, escolhemos a maneira de fazê-las que nos garanta o que entendemos que seja o sucesso da empreitada. Do patê de massa encefálica bovina à parafernália da NASA, do “Vovó viu a uva” das cartilhas *non sense* da vida à “O voto é do povo” de Paulo Freire, ir à Lua e ensinar o “v” passa pela confiança que temos na opção do caminho que adotamos. Surge que esta confiança é apoiada pelos saberes e estes têm uma construção que é histórica, social e cultural. Ela é marcada pelas contingências de um entorno, determinado e determinantes de nós, sujeitos que acreditamos estar fazendo escolhas e iludidos que essas escolhas não estão pré-determinadas pelos possíveis desse entorno, pelos saberes por eles produzidos e que nos produzem ao mesmo tempo.

Falando agora da nossa formação como professoras. Quais são os possíveis que contribuem para a opção metodológica da nossa prática? A leitura? As narrativas? O curso formalizado? A Semana Pedagógica? A aproximação das experiências? Quanto – e estou querendo falar sobre quantidade e qualidade - é-nos permitido debruçar e demorar sobre nossa formação, para que esta nos ajude a configurar melhor as nossas opções? Quanto os cursos e o lugares por que passamos se debruçam e se demoram sobre nós, permitindo que saíamos da superficialidade e, assim, evitando a banalização de certos conceitos fundamentais à compreensão dos tantos aspectos da nossa profissão? Quanto somos abandonadas ao nosso próprio desejo de ser-professora (tantas vezes subtraído à nossa própria compreensão!) como se ele fosse, sozinho, uma fonte inesgotável de todo conhecimento considerado necessário para sermos-professoras? Que nem dom, sabe? Vem do nada, brota, magicamente. Como se a gente pudesse fazer dele o tal do patê nojento, porém eficiente, para as viagens às Luas que povoam o firmamento tantas vezes desconhecido do nosso trabalho.

Fui na Agnes Heller pra tentar falar sobre confiança. Ela diz que:

“diferentemente da fé, a confiança enraiza-se no indivíduo. O indivíduo está numa relação mais ou menos consciente com sua essência humano-genérica e com sua particularidade individual. Quando confio num homem ou numa coisa, sou eu quem confio; sou eu quem me ofereço, no que se refere à confiança, tanto como no caso da fé”... “Toda confiança se apóia no saber. Na esfera cotidiana, isso significa que toda confiança regularmente refutada pelo pensamento e pela experiência termina por desaparecer.” (HELLER, 1992, p.48)

E fiquei pensando: como confiar no trabalho, na opção metodológica para desenvolvê-lo, se este sentimento vem sendo desconstruído por um discurso que diz que o método é externo a nós, que já está dado pelos vigilantes da nossa prática, tais como os *PCNs*, os projetos pedagógicos pensados sem a nossa participação, os currículos prescritos por nossas Secretarias da Educação e pelas escolas onde nos formamos? Quem nos livrará dos laços que têm nos mantido presas a esses discurso prescritivos?

“ Que isto de método, sendo como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensório, mas um pouco à fresca e à solta, como quem se não lhe dá da vizinha fronteira nem do inspetor de quarteirão. ”

(Machado de Assis, in “Memórias póstumas de Brás Cubas)

Paulo Freire, ao pensar sobre a questão do método, diz que “fazemos, logo pensamos; assim, existimos”. Segundo Cortella (1998), ele o faz a partir da seguinte reflexão:

- O saber pressupõe uma intencionalidade, ou seja, não há busca sem finalidade. Dessa forma, o método é, sempre, a ferramenta para a execução dessa intencionalidade; como ferramenta, o método é uma escolha e, como escolha, não é nunca neutro. (p.111-2)

Catorze de junho de 99.

Sônia no mimeógrafo. Maria do Carmo com os textos. Mariza dando risada. Maria e Beth atrasadas. Sid deprimida. Gildete vigiando. Eu esbaforida.

Sid pedindo cópia. Beth pedindo desculpas. Maria do Carmo B. escrevendo. Mariza com os coitadinhos. Gildete recortando. Maria disfarçando. Sônia exibindo o cabelo. Eu me organizando.

Todas agendando.

Maria do Carmo B. mostrando os textos. Nós duas conversando. Mariza dando risada. Maria se envergonhando. Sid dando palpite. Gildete se enfezando. Beth cochichando. Sônia se isolando.

Mariza mostrando textos. Nós duas nos entusiasmando. Maria se justificando. Sid assuntando. Sônia se aproximando. Gildete tomando café. Beth tomando café. Maria do Carmo B. escrevendo.

Eu atendendo telefone. Maria no mimeógrafo. Mariza e Beth gargalhando. Sid se desconsolando. Gildete puchando orelha. Maria do Carmo B. escrevendo . Sônia tomando café.

Eu pedindo doce pra feira do quitute. Todas combinando.

Beth dando receita. Sônia e Mariza anotando. Gildete marcando endereço. Maria do Carmo B. olhando. Maria fazendo nada. Eu assuntando. Sid assuntando.

Sid: “Alguém tem um texto assim...mais adulto...que eu estou com dificuldades de achar um e cansada desses textos infantis?”

Maria do Carmo B. se espanta. Eu arregalo os olhos. As outras, nem sei se escutaram. Mas, que ela falou, falou.

- O melhor método é aquele que propuser a melhor aproximação com o objeto, isto é, aquele que propiciar a mais completa consecução da finalidade. No entanto, o método não garante a exatidão pois esta está relacionada com a Verdade e o método é apenas garantia da rigorosidade. (ibidem)

Junho de 99.

Tem uma simpatia pra arranjar namorado que diz pra gente escrever três nomes de homem - dos que a gente conhece - em três pedacinhos de papel e, no dia de Santo Antônio, numa determinada hora, a gente bota os papeizinhos dobrados num prato com água e, no dia seguinte, o que estiver aberto é que cara que a gente vai namorar.

Lista das coisas que estão me incomodando e que eu vou botar pra algum santo me ajudar a resolver e, se não for pra resolver, que seja pra organizar em forma de prioridades:

- Quando eu ligo o gravador, a Sid cruza os braços e as pernas e a Maria começa a falar do jeito que a gente escreve.
- Eu tenho quatro alunas na faculdade que querem que eu as oriente na monografia de final de curso delas, que nem é obrigatória, mas que elas querem fazer, contanto que seja comigo.
- A Isabella teve alta do neurologista, mas eu não perdi o medo de que ela tenha convulsão de novo.
- Peguei mais quatro aulas na faculdade.
- As professoras do Assistencial não sabem mais o que fazer pra que as outras dêem menos lição de casa.
- A síndica mandou colocar um “trenzinho” que acende e apaga as luzes da nossa garagem automaticamente e eu já contei trinta e oito lâmpadas - daquelas que gastam barbaridade! - que ficarão acesas a noite inteira por conta do tal do “trenzinho”.
- A Maria do Carmo S. continua chamando os alunos de “coitadinhos”.
- Tive que fazer uma treta pra colocar uma professora que nem podia numa turma da Suplência porque era ela que elas queriam. Vai dar pau...
- Uma dor de cabeça de quase uma semana.
- Juliana vai prestar vestibular sabe-Deus-pra-quê.
- Ciúmes do meu ex.
- Estou indo trabalhar no prédio da prefeituraiaiai.
- Uma restauração de dente que está ameaçando cair.
- Só de estar escrevendo isto, minhas mãos já se aqueceram.
- Não saber quando usar crase.

- O Abraão 92. (PAULA, 2000) (E não conto. Leiam. É muito bom.)
- O desafio da complexidade.
- Madame Deshoulières
- Não saber se pulga anda.
- "O ventre vendo crescer / sem te sentires / habitada."
- "Eu, por mim, me estou naquela auto-expulsão que sei já só as palavras postas em linha acalmam e não sei a quem pedir contas desta tensão grave, de peso, deste mal grosso que o escrevê-lo apenas apequena e por isso minto - resolve. Resolver não é dar ou subir. A mente escreve e mente. E isso sinto, escrever-vos (me-te) é sempre um menor bem."
- A última prestação do computador.
- S. dizendo que só trabalha por isso daqui (\$), Valéria!
- Não conseguir escrever mais nada, tendo a certeza que a lista teria pelo menos três vezes o tamanho desta aqui.
- A possibilidade de não dar pra qualificar a lista.

Exatidão. Verdade. Método. Rigorosidade.

E as invasões que a nossa vida sofre, que mexem com nossos corpos e mentes e sopra nos nossos olhos a poeira doméstica, aquela que Morin (1996) diz aparecer "*quando paramos de varrer, limpar, isto é, quando deixamos as coisas de lado*" para, por exemplo, pensar método e metodologias? E as desestabilizações? E o chão saindo debaixo dos pés? E o barulho de fundo, de todas as vozes do nosso mundo, do polifônico coro que o universo insiste em ser, por mais moucos os ouvidos que tentamos manter? O que fazemos com isso tudo pra pensar o tal do método?

- *A aproximação com a Verdade depende da intencionalidade e esta é sempre social e histórica; assim, a exatidão não se coloca nunca como absoluta, eterna e universal, pois a intencionalidade também não o é. A intencionalidade está*

inserida no processo de as mulheres e os homens produzirem o mundo e serem por ele produzidas e produzidos, com seus corpos e consciências e nos seus corpos e consciências. (ibidem)

Trinta de abril de 99.

Projeto “Água viva, água vida” em andamento. A questão era o que fazer com a Suplência, ou melhor, o que a Suplência deveria fazer. Reunião com a Dôra, as coisas rolando, conversa vem, conversa vai, patati-patata, começou a criar corpo uma coisa: de todos os grupos da rede – infantil, fundamental, assistencial e adultos – quem teria mais histórias para contar? Os mais velhos. Portanto, nós, da Suplência. Idéia sendo parida... estava faltando isso. Alguém que sáisse um pouco desse discurso prospectivo do tipo “se-ninguém-tomar-providência-a-água-vai-faltar” e falar um pouco sobre lugares onde ela já está faltando, mas sem o tom da impessoalidade de textos informativos. Quem sabe essa história não devesse sair de bocas que já tivessem estado secas.

Mas, o jogo acaba sendo o do eu sei que você sabe que eu sei que você sabe. Parece haver um acordo silencioso entre o grupo. Aquelas que já têm a carteirinha de professora do noturno não cobram o trabalho das outras que é para terem a recíproca verdadeira. Uma delas chegou com um baita isoporção (e é por estas e outras que às vezes eu tenho raiva desta máquina que o baita e o isoporção já tão sublinhadinhos de vermelho que é pra serem corrigidos que a norma culta tá mandando não interessa se a gente tá falando de educar gente que fala assim) cheio de coisas em cima: filtrinho, clorinho, torneirinha. A ginástica mental teria que ser razoável para se juntar aqueles fragmentos e chegar à conclusão que aquilo tudo representava o tratamento da água. A nossa reação foi lenta. A dela foi rápida: lixo! Rapaz, que susto! Foi um êpa para convencê-la de que não precisava ser tão drástica. Dois dias depois, ela trazia os textos que o grupo sugeriu que fossem produzidos pela turma dela. Alguns ela foi escrevendo, enquanto o aluno falava. Outros, escritos pelos próprios. Esta professora, normalmente muito calada e com os braços e as pernas cruzadas que eu estou de butuca na maneira delas se acomodarem enquanto a gente conversa e tô só sacando, ó! falou quase meia hora sobre o processo de produção desses textos, tão orgulhosa ficou diante do espanto do grupo. De quem foi o movimento para ela mudar de proposta?

- Alternativa A) do grupo – sem ela
- Alternativa B) do grupo – com ela
- Alternativa C) dela
- Alternativa D) do lixo
- Alternativa E) n.d.a. – nenhuma das anteriores
- Alternativa F) t.d.a. – todas as anteriores

A busca do conhecimento passa por erros e acertos e não está isenta de equívocos. Os embaraços que ela provoca, quando há determinações pelo que está prescrito nas solicitações, nos deixam inseguras e fechadas para uma relação viva e cambiante entre os possíveis dessa busca. Quanto um projeto de formação que desqualifica essas tentativas pode nos paralisar diante desse processo de busca?

- *Assim, cada um e cada uma de nós é também método, pois corpos e consciências são ferramentas de intencionalidades (conscientes ou não). É por isso que o anunciado, para vir, tem de ser feito por nós como geradores de intenção e também como métodos que somos; se não, não virá! (ibidem)*

Catorze de maio de 99.

Na frente da banda, um homem fingindo-se maestro fazia micagens para a platéia. Poucos riam do patético espetáculo: estavam mais atentos à circulação da cúpula do poder desta cidade. Prefeita, secretários, vereadores, a imprensa em geral, representantes do governo do estado. Ali tinha de um tudo, inclusive gente. Plantada no coração do mais novo conjunto habitacional, erguia-se a Escola Municipal de Ensino Fundamental “Paulo Freire”. Banda de música, rojões, palanque, microfone e muita fotografia. O momento era de comemoração. E de muita promoção. Cortada a fita pela já empossada diretora, a escola foi invadida pelos moradores, convidados que foram pelos chamados da rádio e os sem-números de faixas que, espalhadas por toda a cidade, faziam o estardalhaço que tal inauguração alguns acham que merece. O chão, lustrado à duras

penas no dia anterior, anunciava a ironia da situação: sujo e embarreado, já dava outros ares à escola. Antes, vazia, como um verdadeiro monumento ao hercúleo esforço de se plantar num bairro como aquele o “templo do saber”- democraticamente batizado- agora vendo sendo misturados ao cheiro de tinta fresca os odores da “ignorância”. Dentro da escola, num palco que faz parte do salão central, as autoridades disputando os espaços de maior visibilidade. Ao microfone, a prefeita chamava pela Iara – uma colega também coordenadora de uma das escolas da Rede - e por mim. A primeira, estava na faculdade e não pôde comparecer. Quanto a mim, ladeada pelos alunos da suplência e por duas professoras desse grupo, admirava o tal palco imaginando que se sobre ele explodisse uma bomba, no dia seguinte teríamos que fechar a prefeitura, pois não haveria mais ninguém para trabalhar lá. Fiz que não escutei, o que não foi difícil, já que o burburinho era imenso. As pessoas ocupavam o microfone, mas somente os mais próximos conseguiam escutar. Não era de espantar: eles falavam para si próprios. O povo que se contentasse com as expressões faciais, que, aliás, eram as mesmas: o mesmo sorriso ensaiado, as cabeças balançando em sinal da aprovação, as mãos cuidadosamente entrelaçadas na frente do corpo e os olhos numa busca incessante pela platéia. Olhar atento: diversão garantida. Uma professora me perguntou: “Cê não vai lá?” Não precisei parar para encontrar a resposta: ela estava ali, me ladeando. “Aquilo lá em cima passa. Aqui embaixo é pra sempre”.

Dá samba, essa inauguração. Os discursos que o deficiente sistema de som nos furtou seriam material para uma boa tese: como o poder fala, muitas vezes, para ele mesmo. Cada um, com honrosas excessões, nos seus poucos minutos de posse do microfone, arranjava um jeito de contar a sua participação na instalação dessa escola, mas dando sempre uma aumentadinha pra seu lado. A sardinha do outro que se danasse!

- “Assim existimos: fazendo. E, porque fazemos, pensamos. E, porque pensamos, fazemos nossa existência. É por isso que a

prática de pensar a prática - o que fazemos - é a única maneira de pensar - de fazer - com exatidão.” (ibidem)

Vinte seis de maio de 99 e meu aniversário, não necessariamente nessa ordem.

A Zezé defendeu ontem. Fiquei impressionada com a recepção do público e da banca. E comigo. Prestei uma atenção danada. Primeiro, que o assunto era envolvente; depois, porque eu nunca havia assistido uma defesa de mestrado e queria ver como era. Saí preocupada. Vinte anos de trabalho: era esse o lugar de onde a Zezé falava. Vinte anos de tombos, borrachas, janelas e portas. Vinte anos de lapidação. Devagarinho. Vestida de avó – segundo ela mesma – ela falou do alto dos seus vinte anos de profissão sobre como ela chegou a ser o que é hoje, como ela se constituiu arte-educadora: pelo olhar tanto dos que estão tanto atrás como diante das câmeras, pelas pontas dos lápis e pincéis, pelos papéis bem pintados e pelas bordas – que, ingenuamente, ignoramos -, pelos sorrisos e pelas máscaras e a lista é grande mas o que eu quero mesmo é dizer que foi de pouquinho em pouquinho, cada coisa sendo significada em seu momento e, depois, no conjunto da sua obra – que é uma vida inteira. Cada coisa pensada como sendo um tijolo colocado num tal lugar que, sem ele, a construção seria no mínimo diferente. A Zezé. Uma professora. Uminha só. Deu uma dissertação! Gente! E nós aqui querendo pensar em formação de professora lotando anfiteatros! Desculpe, Larrosa, mas aqui o riso é de sarcasmo mesmo.

“ Olhe um quadro onde Cézanne pintava a Montagne Sainte-Victoire; depois percorra toda a série de telas feitas entre 1902 e 1906, os últimos anos de sua vida, sobre o mesmo tema. Ver um desses quadros é ser tomado pelo tema, pelas cores e formas, pela técnica empregada, enfim, pela solução encontrada; mas quando se contempla a série, o que salta aos olhos não é uma paisagem pintada cada vez de modo diferente, é a discussão, através das telas, do próprio ato de pintar. De repente, nota-se que o verdadeiro objeto de Cézane não é o que está representado, mas a própria pintura. Cézane pinta seu corpo-a-corpo com a pintura e o que mostra é ao mesmo tempo os meios e os fins, o método e as soluções.

(Laymert G. dos Santos, in “Desregulagens”)

V. Vai-da-valsas e vendaval ou “carregando para o novo tempo o tempo que passou” (COLLARES et alii, 1999, p.213), ou ainda qualquer coisa que signifique que agora estarei falando de coisas que fui percebendo durante a construção deste trabalho e que poderiam ser edificadamente nomeadas de saberes.

“ Está decretada a gravidade da empresa. O que farei convosco será grave, ainda que para tanto haja que rir-me. Ou, como hoje, nem tanto. “

(Terceira Carta III, in “Novas cartas portuguesas”)

Outubro de 99.

Sábado, nove de outubro. Três das minhas mulheres estão na estrada. Com a companhia dos respectivos anjos da guardas e a vigilância do meu, que eu não mandei junto para reforçar a legião porque o que está escrito aí em cima é expressão da mais pura realidade e, por isso, acho que vou precisar dele. Nos próximos dias tenho a incumbência de transformar o que a Roseli chama de “ meus delírios” em tentativa formal de obtenção do título de mestre. O que até agora foram rabiscos desprezíveis terão que virar texto para qualificação.

Quando me flagrei sozinha, sabendo que nos próximos cinco-seis dias terei a tão esperada tranqüilidade para sentar-me diante do computador pelo tempo que julgar necessário para tal empreitada, o que me veio à cabeça foi o que você vai fazer, Valéria, sem os “ ô mãe! Olha a Isabella!” ou os “ manhê, a Juliana me apertou o braço!”. Piegas? Eu sei. Todo mundo tem disso? Sei também. Isso é coisa de todas as mães? Concordo. Desfia a lista de lugares-comuns, que eu assino embaixo. Mas acho que se fosse diferente, este trabalho teria outro tom.

O caso é que vamos acontecendo durante tudo isso. Várias vezes foi o ser mãe dessas duzinhas que devem estar agora uma dormindo e a outra achando ruim de ter se ausentado das amizades, pra deixar a mãe em paz na dura tarefa de tentar convencer uma banca que não é em paz que a gente vive, mas que nem por isso a gente não pode virar chapa dos Morins da vida. Falei Morin, porque estou lendo “ Os meus demônios” dele. E este texto me faz pensar na falta de paz que dá na gente quando busca o conhecimento que pode trazer paz pra todo mundo. E já faz uma hora que eu estou sentada aqui. Hora que nem vi passar. De verdade, acho que o trabalho que tenho pela frente vai ser o de olhar para todas essas horas que não vi passar e fazer que nem a gente faz pra passar roupa de cambraia de linho: espia a roupa, umideceela, ajeita em cima da tábua e vai com o ferro na temperatura certa, que só todas as roupas que passamos por toda vida, desde aquelas passadas com os ferrinhos de plástico de menina em-fase-de-prendação nos ensinaram qual é. Alisada uma parte, vai para a outra, mas quando você termina a outra, percebe que a uma já ficou meio amassada. Aí, repassaela. Aí, passa outra parte. Aí, vê que a anterior já amarrotou. Aí enfeza e diz que linho é assim mesmo e, também! depois vou vestir, não dou dois

minutos pra ficar tudo amarrotado mesmo! Mas é chique. Linho é tecido nobre, mesmo amarrotado. Aliás, é amarrotado é que é chique. Se não amarrotar, pode crer que está misturado com sintético.

Fim das contas, vou ter que mostrar os fios.

Novembro de 00.

Meu anjo da guarda andou meio distraído: das minha três mulheres ditas pelo texto anterior, só sobraram duas e soçobraram três: uma órfã de mãe e duas de avó.

Passados mais de ano e uma qualificação, sobrou para mim, esta acidentada mulher que vos fala/escreve/cochicha/grita, sistematizar/esticar os fios/saberes que parecem que foram costurando/construindo este trabalho através das crônicas que constituíram as suas várias partes. Parece que isto costuma ser feito na última parte deste tipo de trabalho. Vai ser complicado para mim, porque não consigo ver o “última”: só consigo ver a “parte”. Mais uma parte dele. Quando a banca da qualificação me sugeriu que eu sistematizasse num último capítulo os “saberes” que o seu durante foi dando a ver, me arrepiei. Um arrepio que continuei sentindo ao tentar fazê-lo. Numa das vezes, fiquei com uma lista nas mãos. Lista de saberes. Com hífen e tudo na frente. Numa outra vez, num outro tipo de texto que destacava os tais saberes, ou melhor, as suspeitas de saberes, na frente quase que pude por um “hã-hã” pra dizer que estava pigarreando, anunciando o clima e a gravidade da empreitada: “sistematizemos os saberes, finalmente!” Por entre os pigarros e o hífen, fiquei assuntando o arrepio e tentando entender o que ele estava sinalizando. Incômodo. A palavra é esta: incômodo. Não que não desse conta de fazê-lo, porque não seria difícil. Difícil e incômodo seria sair do que desde o começo da pesquisa eu estava percebendo: ela estava acontecendo no *estar acontecendo*, no movimento, no caminho que eu percorria *com* ela e *através* dela. Na experiência de poder experimentá-la e experimentar-me como pesquisadora. No olhar se aguçando a cada novo acontecimento e na compreensão dos

mesmos se refinando, porque contar os acontecimentos com o olhar cada vez mais aguçado, retornar e me debruçar sobre eles e experienciá-los mais uma vez, era, para mim, compreendê-los melhor. Fiquei pensando em Larrosa, que, quando conceitua experiência, o faz dizendo que ela é viagem interior, e que só se torna verdadeira quando é experiência de si mesmo. Fiquei pensando em incitar os possíveis leitores deste trabalho a acompanhar-me neste exercício/viagem. Coisas foram narradas, pessoas narraram-se no contar-me coisas, as crônicas contaram coisas e pessoas. As questões e os saberes que tudo isso foi suscitando, possibilitou-me a mim, pesquisadora, a construção de “alguns” sentidos para os mesmos, que são denunciados pelos referenciais teóricos nos quais me ancorei. Mas os sentidos são vários e muitos. Anunciando a bibliografia, anuncio Bakhtin dizendo que não há uma palavra que seja a primeira ou a última. Que os sentidos nunca estão estabilizados, que sempre se modificarão no desenrolar dos diálogos subseqüentes. Os sentidos que construí, as análises que fiz, se é que posso nomeá-las academicamente ao menos uma vez, foram o “*meu*” diálogo com os acontecimentos. Não queria transformá-los em mais uma estátua, que nem a da sartreana rua Chamade, plantando-a numa última parte, estratégica e pomposamente posicionada entre o coro de vozes que escreveu este trabalho – as crônicas, com tudo e todos que as contituiram – e o coro de vozes que ajudou-me compreendê-lo tal como o fiz – a bibliografia. Quis, antes, que ele, tal qual o A BAO A QU, fossem também se dando a ver ao leitor, no movimentar-se *com* eles e *através* deles e na singular interlocução que pudessem ter.

Talvez devesse ter escrito a tal “última parte” também em transparências, que, ao serem sobrepostas, sobrepõem as palavras, mas sempre sobrando um espacinho entre elas, como o conceito matemático de infinito – *entre dois pontos sempre caberá mais um* – onde entre palavras sempre caberão outras, onde entre sentidos sempre caberão outros, e daí a construção e a compreensão dos possíveis sentidos sempre serão possíveis. Mas não deu. O papel é opaco. As letras são Times New Roman 12 e as regras são da ABNT. Mas a intenção era e é minha. Ei-la dita e, espero, explicitada. Espero que, apesar de por último, não tardiamente.

“Não há uma palavra que seja a primeira ou a última e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada dos sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de uma evolução, eles serão lembrados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.” (BAKHTIN, 1997, p.413-4).

*“Tudo o que digo, acreditem,
teria mais solidez
sem em vez de um carioquinha
eu fosse um velho chinês.”*

(Millôr Fernandes, *in* Papáverum Millôr)

Junho de 2000.

A estante onde meus livros descansam, mais do meu olhar preocupado e curioso do que de minhas mãos, fica no final do corredor que leva aos quartos de meu apartamento. Conforme eu os uso, dali os retiro e guardo sem qualquer critério de organização ou disposição. Costumava observá-la com um certo orgulho, acreditando que sua crescente ocupação estava diretamente relacionada à minha erudição. Hoje ela mais me preocupa do que me orgulha. Desloquei o olhar: desviei - o do espaço que ela ocupa e passei-o para o espaço que falta para ser ocupado. Sem angústia. Apenas no aguardo das novas solicitações que minha compreensão há de fazer na tentativa de desvendar as coisas do mundo através das leituras que outros já fizeram dele, sem perder de vista que, para além das linhas de qualquer livro, tem as das mãos do Dito, descascadas e rachadas por causa da água fervente que ele tem que usar para limpar as máquinas da usina em que trabalha, formando dolorosas fendas-linhas, que somente ele e, talvez, a professora dele - que não leu Morin, Larrosa, Bakhtin, Foucault e vai indo que a lista é grande - podem nos ajudar a ler.

BIBLIOGRAFIA

- ALCOFORADO**, Mariana. **Cartas portuguesas**. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- ALMEIDA**, Milton José. **Suagh'Leng'hor**. São Paulo: Cortez, 1990.
- ANDRADE**, Dorival Martins (org.). **Jaboticabal: sesquicentenário – 1928 – 1978**. São Paulo: Edições Populares, s/d.
- ASSIS**, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ed. Ática, 1977.
- AUTHIER-REVUZ**, Jaqueline. “Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio.” In: **ORLANDI**, Eni Puccinelli. (org.) **Gestos de leitura: Da História no Discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997.
- BACHELARD**, Gaston. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BAKHTIN**, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997b.
- BARRENO**, Maria Isabel; **HORTA**, Maria Tereza e **COSTA**, Maria Velho. **Novas cartas portuguesas**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, s/d.
- BARTHES**, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BENJAMIN**, Walter. “O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e a história da cultura**. (Obras Escolhidas, Vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197: 221.
- BORGES**, Jorge Luis e **GUERRERO**, Margarita. **O livro dos seres imaginários**. São Paulo: Globo, 1996.
- BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BRANDÃO**, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1994.
- BRENHA**, Amorim. **Jaboticabal**. Sem editora. 1925.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CALVINO, Ítalo. Os amores difíceis. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.

_____. **Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.**

_____. **Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.**

CAPALBO, Clóvis Roberto. A história de Jaboticabal – 1928 – 1978. Sem editora. S/d.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima e MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. Preconceitos no cotidiano escolar – ensino e medicalização. Campinas-SP: Cortez, 1996.

COLLARES, Cecilia Azevedo Lima Collares; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso Moisés GERALDI, João Wanderlei Geraldi. A política da descontinuidade. In: Educação e Sociedade. nº 68. Campinas, ano XX, 1999.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano – artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHALMERS, Alan F. O que é ciência afinal? São Paulo: Brasiliense, 1997.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

CORTELLA, Mario Sergio. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber. Trabalho docente e profissionalismo. Porto Alegre: Sulina, 1995.

_____. (org.) **O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.**

_____. (org.) **Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.**

CUNHA, Luiz Antônio. Educação, estado e democracia no Brasil. São Paulo: Cortez, 1995.

DOURADO, Autran. A barca dos homens. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1990.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1996

_____ e SEBEOK, Thomas A. (orgs.) **O signo de três – Dupin, Holmes, Peirce**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

EIZIRIK, Marisa Faermann e **COMERLATO**, Denise. **A escola (in)visível: jogos de poder saber/verdade**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1995.

EZPELETTA, Justa e **ROCKWELL**, Elsie. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1989.

FABIAN, Wanda. **O evangelho da incerteza**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras? Aspectos da constituição do sujeito como profissional da educação**. Faculdade de Educação, UNICAMP, 1997.(Tese, Doutorado em Psicologia Educacional).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998a.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópoli, RJ: Vozes, 1998b.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. “Las meninas”. In: **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 1995.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar. A escola do mundo ao avesso**. São Paulo: L&PM, 1999.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia . **A produção do ensino e pesquisa na educação. Estudo o trabalho docente no Curso de Pedagogia**. Faculdade de Educação, UNICAMP, 1993. (Tese, Doutorado em Metodologia de Ensino)

GERALDI, C.M.G.; **FIorentini**, D. e **PEREIRA**, E.M.A. (orgs.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a) – pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercados do Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1996.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Roberto. Crítica da razão tupiniquim. São Paulo: FTD, 1994.

GUIRALDELLI, Paulo. O que é pedagogia? São Paulo: Brasiliense, 1998.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LACERDA, Nilma Gonçalves. Manual de tapeçaria. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

LARROSA, Jorge. “Narrativa, identidad y desidentificación” in La experiência de la lectura – estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1998a.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Porto Alegre: Contrabando, 1998b.

LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen – marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1996.

LÚDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

LYOTARD, Jean-François. Moralidades pós-modernas. Campinas, SP: Papius, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário M. Em sobressaltos: formação de professora. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. Edição comemorativa dos 150 anos. Bauru, SP: EDIPRO, 1998.

MELO, Orlinda Carrijo. Alfabetização e trabalhadores: o contraponto do discurso oficial. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1996.

MOLLO, Suzanne. Os mudos falam aos surdos – os discursos da criança sobre a escola. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Os meus demónios.** Portugal: Publicações Europa-América, 1995.

_____. (org.) **O problema epistemológico da complexidade.** Portugal: Publicações Europa-América, s/d.

NASCIMENTO, Maria José de Oliveira. O corpo na ponta do lápis, na porta do palco: uma experiência em Educação artística. Faculdade de Educação, UNICAMP. (Dissertação, Mestrado em Metodologia de Ensino)

NOVAES, Adauto. (org.) O desejo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NÓVOA, Antônio. (coord.) Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, Antônio. (org.) Profissão professor. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. (org.) Metodologia das ciências humanas. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. "Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas". In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). Metodologia das ciências humanas. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

PAULA, Flávia Anastácio de. Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para a professora. Faculdade de Educação, UNICAMP. (Exame de qualificação, Mestrado em Metodologia de Ensino, Anexos, p. 10-14)

PETTITAT, André. Produção da escola, produção da sociedade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIMENTEL, Maria da Glória. O professor em construção. Campinas, SP: Papirus, 1994.

PLATÃO. Fedro ou Da beleza . Lisboa: Guimarães Editores, 1994.

RAMA, Angel. A cidade das letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RODRIGUES, Ângela e ESTEVES, Manuela. A análise de necessidades na formação de professores. Porto: Porto Editora, 1993.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou Da educação. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SALGUEIRO, Ana Maria. Saber docente y práctica cotidiana: um estudio etnográfico. Barcelona: Octaedro, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político no pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Desregulagens. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O conto da ilha desconhecida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. A náusea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

SCHMIDT, Joël. Dicionário de mitologia grega e romana. Lisboa: Edições 70, 1997.

SKLIAR, Carlos. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1996.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone Ed., 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WATZLAWICK, P. e KRIEG, P. (orgs.). O olhar do observador: contribuições para uma teoria do conhecimento construtivista. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

WEREBE, Maria José Garcia. Grandezas e miséria do ensino do Brasil – 30 anos depois. São Paulo: Ática, 1997.

dorIndez

*quando eu saio da cama
ela me dá passagem
e fica me mirando, limpando
com a manga da camisola de flanela,
a janela,
apreciando meu emboramento
que é quase um lamento
por eu ter que me emborar*

*mas eu volto,
e quando eu chego
ela está lá,
num estar-lá que dorIndez pode,
que se assim não fosse,
se se emboraria
dorIndez não seria:
seria só dor, não indezaria*

*(a cara dela é amarela,
como a camisola minha e dela
e de todas a quem dorIndez acalenta,
lenta e perpetuamente,
serenamente,
numa dor que de silente
só tem as noites,
noites eternamente)*

*se me afasto,
dorIndez se acomoda
na roda do lençol desfeito,
dando um jeito
de virar moda
no meu aconchegamento,
na roda do lençol com jeito
de desfeito*

*e me espera,
com a cara amarela,
minha, tua, nossa e dela,
na cama - ninho - eterna trama,
dorIndezando
dorIndezando
dorIndezando*

valéria